

ROBERTO FRANCISCO NASI

VARIÁVEIS FONOLÓGICAS EM JORNAIS GAUCHOS DO SÉCULO XIX

PORTO ALEGRE

2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DE SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: MORFOLOGIA E FONOLOGIA**

VARIÁVEIS FONOLÓGICAS EM JORNAIS GAÚCHOS DO SÉCULO XIX

ROBERTO FRANCISCO NASI

Orientadora: Profa Dra Valéria Neto de Oliveira Monaretto

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Linguística apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós - Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2012

*Aos meus avôs,
Abílio Nardo e
Angelin Gomercindo (in memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente...

... ao Grande Espírito, por toda a criação.

... aos meus queridos ancestrais, Abílio, Helena, Anita e Angelin, que nunca deixaram de acreditar nas escolhas de seu neto.

... aos meus pais, Carlos Roberto e Fátima, por todo o apoio incondicional que sempre tiveram com seu filho.

... à CAPES, pela bolsa concedida e ansiosamente esperada.

... aos professores Elisa Battisti, Gisela Collischonn, Leda Bisol, Luiz Carlos Schwindt, Sérgio Menuzzi e Valéria Monaretto, pela excelência de suas aulas e pela compreensão que tiveram com este mestrando.

... às professoras Nara Arzivenko Gesing e Maria José Blaskovski Vieira, que despertaram em mim durante a graduação, o interesse pela Linguística, Fonética e Fonologia.

... aos colegas, em especial a Márcia Eliane da Silva e Priscila Azeredo, Guilherme Duarte e Emmanuel Quadros, pelo companheirismo e auxílio.

... a todos os meus amigos, especialmente a Alexandre, Alfredo, Ana Lúcia, Ana Paula, Andressa, Bárbara, Leonardo, Larissa, Priscila e Simone, pela disposição em ajudar, pelo estímulo e amizade.

... a minha orientadora Valéria Monaretto, pelos aconselhamentos, pela confiança, pela motivação e pela amizade com seu orientando.

... aos graduandos Felipe Silveira, Melissa Osterlund e Rafael Silveira da Silva, pelo bom-humor, pela prestatividade e eficiência durante as tardes que passamos em meio aos jornais amarelados pelo tempo que manuseamos juntos.

... aos graduandos Melissa Osterlund e Rafael Silveira da Silva, pelo auxílio na fase final do trabalho.

... ao pessoal do Arquivo Histórico Moysés Vellinho, sempre dispostos a cumprirem seu trabalho e a apreciarem o nosso.

... ao Gabriel Eduardo, que sempre acreditou em seu irmão mais velho e entendeu a sua ausência.

RESUMO

Além da fala, o registro escrito também pode servir como fonte para estudo de fenômenos de variação e mudança linguística. A grafia de textos produzidos há mais de século pode atestar parte da história de uma língua. Diante dessa perspectiva, este trabalho propõe a identificação de possíveis variáveis fonológicas por meio do registro de certas formas interpretadas como traços da oralidade que podem representar certas variantes existentes nos dias atuais. O exame que se propõe nesse trabalho segue a proposta de investigação de mudança linguística em registros escritos de Lass (2000) e o *uniformitarismo* de Labov (1972). Utiliza-se, como amostra e *corpus* jornais produzidos no Rio Grande do Sul, no século XIX. Com base em registros escritos, pretendemos confirmar a relação passado/presente existente entre dois estados de língua e a existência de fenômenos fonológicos como elevação vocálica, substituição de segmentos, omissão, epêntese, metátese, proclíticos e segmentação na história.

Palavras-Chave: *Registro Escrito; Variável Fonológica, Variação Linguística; Diacronia.*

ABSTRACT

Besides spoken language, the written record may be considered a source for linguistic variation and change studies. Texts written one century ago can attest part of the history of a language. Based on this belief, this paper proposes the identification of possible phonological variables through some written records interpreted as oral aspects which may express certain variants currently used by speakers. The examination in this paper follows the investigation of linguistic change in written records by Lass (2000) and the uniformitarianism by Labov (1972). By using written records found in newspapers published in the 19th century in Rio Grande do Sul, we intend to certify the past/present relation between two language states and the existence of certain phonological phenomena as vowel elevation, segmental substitution, deletion, epenthesis, metathesis, clitics and segmentation in history.

Keywords: written record, phonological variables, linguistic variation, diachrony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração de capa de <i>O Mensageiro</i>	62
Figura 2 – Ilustração de capa de <i>O Povo</i>	62
Figura 3 – Ilustração de capa de <i>O Americano</i>	63
Figura 4 – Ilustração de capa de <i>Estrella do Sul</i>	64
Figura 5 – Ilustração de capa de <i>Jornal do Commercio</i>	64
Figura 6 - Ilustração de capa de <i>A Voz do Escravo</i>	65
Figura 7 – Ilustração de capa de <i>A Gazetinha</i>	66
Figura 8 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> , seção Folhetim, 22 de novembro de 1891.....	67
Figura 9 – Trecho de <i>Apanhados</i> em <i>A Gazetinha</i>	67
Figura 10 – Trecho de <i>Periquitada</i> , em <i>A Gazetinha</i>	68
Figura 11 – Ilustração de capa de <i>A Federação</i>	68
Figura 12 – Trecho de jornal com exemplo de lixo ortográfico.....	70
Figura 13 - Trecho de jornal com exemplo de lixo ortográfico corrigido.....	70
Figura 14 – Trecho de jornal com exemplos de variação gráfica.....	72
Figura 15 – Trecho de jornal com exemplo de variação gráfica e lixo ortográfico.....	72
Figura 16 – Trecho de jornal com exemplos de lixo ortográfico e ortografia com possível valor fonológico.....	73
Figura 17 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> com casos de elevação vocálica e substituição segmental....	77
Figura 18 – Trecho de <i>O Povo</i> com casos de elevação vocálica e metátese.....	78
Figura 19 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> com elevação vocálica.....	80
Figura 20 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> com elevação vocálica.....	81
Figura 21 – Trecho de <i>O Povo</i> com elevação vocálica.....	83
Figura 22 – Trecho de <i>O Povo</i> com elevação vocálica.....	83
Figura 23 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> com elevação vocálica.....	84

Figura 24 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> com elevação vocálica.....	84
Figura 25 – Trecho de <i>A Gazetinha</i> com omissão segmental.....	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Lista dos Jornais do Arquivo Histórico Moysés Vellinho.....	60
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ESTA PESQUISA.....	14
1.1 Objetivos.....	15
1.1.1 Objetivo Geral.....	15
1.1.2 Objetivos Específicos.....	16
1.1.3 Hipóteses.....	16
2 ORIGEM E PERCURSO DO ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	17
2.1 O Desenvolvimento da Linguística e Aspectos acerca da Linguística Histórica (LH).....	17
2.2 A Linguística como Ciência.....	27
2.3 Um Retorno à Ênfase da Mudança Linguística: a era Labov.....	33
2.4 Estudo da Mudança Linguística pelo Registro Escrito.....	38
2.5 Investigações sobre a História da Língua Portuguesa no Brasil.....	45
2.5.1 Estudos Históricos Atuais do Português Brasileiro.....	48
3 METODOLOGIA.....	53
3.1 Corpus.....	57
3.1.1 Jornais Publicados no RS no Século XIX.....	57
3.1.1.1 Jornais do Arquivo Histórico Moysés Vellinho (AHPAMV).....	60
3.2 Método de Análise.....	69
3.2.1 Lixo Ortográfico.....	70
3.2.2 Variação Puramente Gráfica.....	71
3.3 Classificação de Variáveis Fonológicas através do Registro Escrito.....	73

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
4.1 Descrição dos Resultados.....	76
4.1.2.1 Casos de Elevação Vocálica.....	77
4.1.2.2. Casos de Substituição de Segmentos.....	86
4.1.2.3. Casos de Omissão de segmentos.....	87
4.1.2.4. Casos de Epêntese.....	90
4.1.2.5. Casos de Metátese.....	91
4.1.2.6. Casos de Proclíticos.....	92
4.1.2.7. Casos de Segmentação.....	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	100

INTRODUÇÃO

Sempre esteve presente nos estudos lingüísticos questões sobre as mudanças nas línguas. A evolução do pensamento lingüístico passou por concepções diversas em relação ao estudo da mudança, estabelecendo-se métodos de investigação da evolução das línguas, como a reconstrução comparada, por exemplo, até a proposta conjugada de análise da sincronia e diacronia da língua, entendida como heterogênea e condicionada linguística e socialmente.

Cabe mérito à Linguística Histórica como a ciência, que se preocupou inicialmente em explicar a variação e a mudança lingüística por meio de pressupostos e de metodologias definidos. Apesar de seus estudos datarem desde o final do século XVIII, muitas questões ainda não receberam respostas, pois faltam evidências de que o passado, relatado ou inferido, tenha realmente acontecido. Como lida com questões históricas, muitas interpretações são ainda imprecisas.

A grande diferença de abordagem ou de objeto de análise entre a Linguística Histórica e outros modelos de estudo da mudança lingüística é que essa se ocupa de investigar a história das línguas, geralmente, por meio do registro escrito ou por reconstruções desse. Como esse meio de investigação perdeu muito de sua expressividade ou de força no início do século XX, com o advento do Estruturalismo e das Escolas que o seguiram, a escrita foi esquecida nos estudos lingüísticos.

É inegável a versatilidade e a riqueza da língua falada em oposição à língua escrita, reconhecida a partir dos neogramáticos. Entretanto, o testemunho da escrita pode ser entendido como de grande valia para a compreensão da evolução de uma língua. É através dela que se pode buscar evidências diretas de um passado, por vezes, imaginado e de se encontrar a variação que originou uma mudança lingüística completada ou em progresso.

Apesar de a análise de estados de uma língua poder ser feita pela escrita e de se poder extrair ou de se imaginar certos estágios, cabe ressaltar, que o mecanismo de mudança é explicado em sua totalidade (problemas de transição, encaixamento e avaliação), e de modo muito prático e eficaz, pelo uso de estratégias de análise da mudança em progresso pela análise em *tempo aparente* e pela em *tempo real*, conforme os pressupostos de Labov (1972).

Uma vez que Labov faz uso de um princípio chamado de uniformitarista, em que os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças do passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem à nossa volta, boa parte dos problemas sobre a evolução lingüística podem tentar ser elucidados. E é a partir desse princípio de correlação passado/presente que o trabalho nessa dissertação se insere. Só que o ponto de partida que se procura a investigação de formas variáveis é o passado, mais especificamente, o registro escrito de jornais escritos no Rio Grande do Sul no século XIX.

Investimos e acreditamos na pesquisa em fontes escritas como forma de se atestar variantes de variáveis lingüísticas. No caso desse trabalho, ocupamo-nos de variáveis fonológicas, tentando aplicar uma metodologia de exame desse tipo de material, baseada em Lass (2000).

As dificuldades enfrentadas foram muitas, desde a escolha do material de análise até a obtenção de dados. Contudo, essa dissertação é o início de um trabalho realizado que não se findou e nem será exposto em sua totalidade nestas páginas. A grande valia dessa pesquisa é de se ter podido conhecer um pouco também da vida e de algumas práticas sociais de um povo que deixou pouco de suas características em algumas notícias, desagrados e ofensas nas páginas desses jornais produzidos no Estado.

Esperamos, pois, contribuir para a investigação histórica da língua portuguesa brasileira, examinando um material muito pouco explorado por estudiosos, historiadores e arquivologistas, como é o caso dos jornais gaúchos, que foram escolhidos e utilizados nessa dissertação por serem impressos, facilitando-se, em parte, a leitura.

Nesse sentido, entendemos que a pesquisa que ora se apresenta é de cunho mais histórico do que lingüístico propriamente dito. Para tanto, organizamos nossa dissertação da seguinte maneira:

No capítulo 1, descrevemos os objetivos e hipóteses de nossa pesquisa, norteados pelo princípio uniformitarista de Labov (1972) de que podemos, através de nossa identificação de possíveis variáveis fonológicas em textos escritos antigos, atestar formas do presente em um estado de língua longínquo no tempo.

No capítulo 2, explicamos os objetivos da Linguística Histórica. Exporemos o percurso histórico dos estudos lingüísticos e o que a ciência lingüística estudou no século XIX. Considerando que a linguística estuda a mudança das línguas, enfatizamos o modelo da Teoria da Variação proposto por Labov (1975) e os tipos de estudo de mudança lingüística propostos, em

tempo real e em *tempo aparente*. Além disso, expomos algumas das investigações feitas sobre a história da língua portuguesa no Brasil.

No capítulo 3, em nossa metodologia, ressaltamos a importância de se manter um *filtro* ativo para possibilitar a diferenciação de variação puramente gráfica de emprego fonológico significativo. Fizemos considerações sobre a relação entre a fala e os problemas acerca do que dela pode ser constatado na escrita, recorrendo à proposta de Lass (2000) para possibilitar à nossa pesquisa a coleta de dados acerca de variáveis fonológicas registradas na escrita. Utilizamos textos do português brasileiro do século XIX. Relatamos a constituição da amostra, a coleta de dados e a descrição do *corpus*. Propomos classificar os dados de escrita fonologicamente (Lass, 2000) e baseados na tipologia para o estudo de alterações ortográficas, trazida por Monaretto (2005), construímos um quadro classificatório para nossa coleta de dados. Com base em registros escritos, propomos a identificação de variáveis fonológicas do português falado no sul do Brasil, confirmando a relação passado/presente.

No capítulo 4, discutimos nossos resultados, exemplificando o que podem ser considerados dados válidos de escrita dentro de nossa pesquisa expondo as ocorrências escritas que expressam possíveis variantes fonológicas do português brasileiro atual que acreditamos já estarem presentes no estado de língua do português do século XIX.

No capítulo 5, faremos as considerações finais avaliando em que medida nossos objetivos são alcançados além da confirmação de nossas hipóteses.

1 ESTA PESQUISA

A pesquisa que apresentamos nesta dissertação trata de explorar um assunto pouco trabalhado atualmente na área da lingüística: *o passado de língua*. A história das línguas tem sido descrita por muitos estudiosos ao longo dos tempos. A origem, evolução e formação dessas foram e continuam sendo temas de interesses em diversas áreas, como a história, sociologia, antropologia, etnologia, entre outras, mas de especial interesse da lingüística, que se firma como uma ciência a partir desse tipo de investigação, em fins do século XVIII, por meio da Linguística Histórica.

A Linguística Histórica tem por finalidade estudar a mudança das línguas. Para isso, conta com diferentes orientações teóricas e metodológicas na história de seu desenvolvimento. Seu objeto de estudo é díspar: a língua escrita ou a falada. Independente do sistema escrito ou falado, a lingüística sempre teve a preocupação de explicar como as línguas mudam, seja através das relações de parentesco entre as línguas, de leis fonéticas, aspectos intralingüísticos considerando a variação livre ou mesmo condicionada extra-lingüisticamente. A variação lingüística pode ser estudada de várias formas: no presente, no passado, na fala e na escrita.

Partindo do pressuposto de que nem toda a variação implica em mudança, mas que toda mudança decorre de variação lingüística, propomos neste trabalho uma identificação de possíveis variáveis fonológicas em jornais gaúchos do século XIX. Nossa metodologia de análise será a de identificarmos, por meio do registro escrito, uma possível oralidade, abstraindo-se variantes de variáveis fonológicas. A grafia das palavras servirá, pois, como instrumento de obtenção de dados. Entretanto, nem todo dado escrito será interpretado. Há a necessidade de se aplicar filtros para a obtenção dos dados. A tarefa de ouvir o inaudível, como praticam as estudiosas brasileiras Célia Telles, Odete Menon e Rosa Maria Virgínia de Mattos e Silva, entre outras, será levada como meta nesse trabalho de investigação de registros escritos, denominados, algumas vezes, como antigos, por serem diferentes da grafia atual e por utilizarem palavras ou formato de textos inexistentes nos dias atuais.

Apesar de a relação grafema/som não ser muito clara, partimos da hipótese de que é possível se investigar a fala por meio da escrita. Baseamo-nos em estratégias de exame de grafia

de Lass (2000) e de uma tipologia preliminar de variáveis fonológicas em exame de textos escritos antigos de Monaretto (2005) para listar e caracterizar fenômenos fonológicos possivelmente presentes no século XIX.

Variáveis fonológicas são entendidas nesse trabalho como formas alternativas de se dizer a mesma coisa. Em nossa coleta de dados feita no exame de jornais publicados no Rio Grande do Sul no século XIX, identificamos palavras que acreditamos expressarem uma das formas alternativas ou variantes que podem ser utilizadas na fala para expressar uma palavra específica. Classificaremos essas formas de acordo com fenômenos fonológicos conhecidos na fala.

Exporemos também detalhes sobre nossa fonte de estudo, jornais do século XIX, como forma de ilustrar e divulgar esse material histórico de muito pouca utilização e de conhecimento da comunidade em geral. Por esse tipo de material ter sido algo novo também para este investigador, dispensaremos alguns comentários sobre a dificuldade de leitura, de manuseio e de acesso a esses jornais, não menos importantes, mas por desviarem de nossos objetivos.

Ao realizarmos nosso trabalho, entendido como dentro da linguística histórica, por utilizarmos fonte escrita de um estado de língua mais antigo, exporemos, inicialmente, após os objetivos e hipóteses, a origem das idéias linguísticas a fim de refletirmos como a língua e seus processos de mudança foram tomados no passado, já que retornaremos a ele para a nossa coleta de dados.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Este trabalho pretende contribuir para a história do português através da análise de possíveis variáveis fonológicas presentes em registros escritos antigos. Para isso, coletaremos palavras que possam expressar essas variáveis em jornais gaúchos do século XIX. Conforme veremos no segundo capítulo, os estudos de linguística histórica no Brasil visam a traçar o percurso de mudanças que caracterizaram o português brasileiro. Esperamos contribuir, de alguma forma, ao enriquecimento da ciência linguística e, principalmente, da linguística histórica brasileira.

1.1.2 Objetivos Específicos

Especificamente, este trabalho propõe a identificação de possíveis variáveis fonológicas na história da língua portuguesa brasileira gaúcha a partir do exame da escrita de textos antigos.

Essa identificação toma as seguintes questões:

- Como se deu a evolução do pensamento linguístico na história da ciência linguística?
- O que pretende a linguística histórica?
- Quais foram alguns dos estudos acerca da história da língua portuguesa realizados no Brasil?
- A qual tipo de texto recorrer para a constituição do *corpus* de nossa pesquisa?
- Em relação a lapsos de escrita, como diferenciar a variação puramente gráfica de um emprego fonológico significativo?
- Há alterações de grafia que são registradas nas gramáticas da época?

O nosso *corpus* será formado por jornais gaúchos do século XIX, sobre o qual centraremos nossas reflexões.

1.1.3 Hipóteses

Para esta pesquisa, foram formuladas as seguintes hipóteses:

- (i) A escrita sugere processos fonológicos. Cremos que, através desta, podemos atestar variáveis linguísticas presentes na fala;
- (ii) Segundo o Princípio do Uniformitarismo (Labov, 1994) os processos que moviam a fala no passado são os mesmos que a movem no presente. Tomamos como base essa idéia do autor de que há a possibilidade de se estudar o presente no passado, atestando variáveis hoje existentes em um estado de língua longínquo no tempo.

2 ORIGEM E PERCURSO DO ESTUDO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Nesta seção, elencamos os objetivos da linguística histórica e expomos os eventos do percurso dos estudos linguísticos realizados desde o século XIX. Considerando que a linguística estuda a mudança das línguas, e que a mudança linguística decorre de variação, nossa exposição segue até o modelo da Teoria da Variação proposto por Labov (1975). Posteriormente, relatamos algumas das investigações feitas sobre a história da língua portuguesa no Brasil. Também realizamos considerações sobre a relação da escrita com a fala e os problemas acerca do que dela pode ser constatado na escrita, recorrendo à proposta de Lass (2000) para possibilitar à nossa pesquisa a coleta de dados acerca de possíveis variáveis fonológicas em registro escrito.

2.1 O Desenvolvimento da Linguística e Aspectos acerca da Linguística Histórica (LH)

Sabemos que a linguística sempre teve a preocupação de estudar a natureza e evolução das línguas. Nos primeiros modelos linguísticos do século XX, a língua era concebida como homogênea e sua mudança como natural e factual. Entretanto, a variação e mudança sempre estiveram presentes no pensamento ou estudo da natureza e evolução das línguas. O caráter heterogêneo das línguas não podia ser desprezado ou desconsiderado, cabendo à linguística estudá-lo.

A heterogeneidade das línguas foi uma das razões pelos quais a linguística surgiu no século XIX. A vontade de se descobrir a história das línguas e sua evolução fez-se imperiosa através da Linguística Histórica.

Para Bynon (1977, p.1), a LH busca investigar e descrever a maneira na qual as línguas mudam ou mantem sua estrutura durante o curso do tempo, sendo o seu domínio a língua em seu aspecto diacrônico. Ao descrever e estabelecer mudanças, vemos que a linguística histórica mapeia o mundo das línguas, determinando suas relações, e com o uso de documentação escrita, preenche línguas extintas do passado no quebra-cabeças do complexo mundo da distribuição do padrão linguístico (MALMKJÆR, 2002, p. 218).

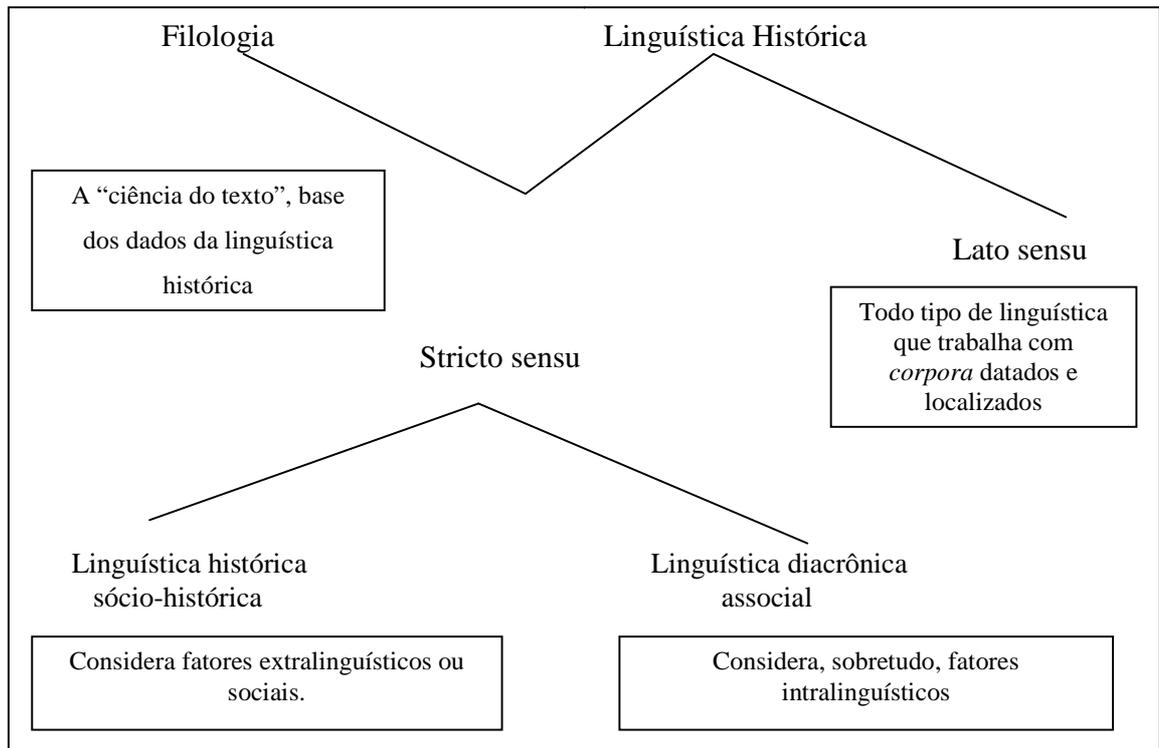
Houve um tempo em que a designação “linguística histórica” sequer se fazia necessária já que a linguística *original* se ocupava do passado das línguas e de seus processos de mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Schendl ressalta o objetivo e o escopo da linguística histórica em três grandes áreas de investigação:

1. O estudo da *história* de uma língua em particular com base em dados escritos existentes;
2. O estudo da *pré-história* das línguas através da **reconstrução comparativa**, através do qual o passado não registrado é inferido com base nas evidências de dados de um período anterior que *estejam* disponibilizados para análise.
3. O estudo das *mudanças em curso* de uma língua, i.e., mudanças que ocorrem no tempo presente.¹ (SCHENDL, 2009, p. 9, grifo do autor).

O autor concebe a necessidade da ligação entre estes três ambitos de estudo da LH com a descoberta de aspectos mais gerais, possíveis e universais da mudança linguística. Labov concorda que na linguística histórica está sempre presente o *fato* da mudança linguística (LABOV, 1994, p.9, grifo do autor)

Mattos e Silva (2010, p.10) amplia o escopo da linguística histórica para além do tratamento da mudança das línguas ao longo do tempo. A autora ilustra em seu quadro a seguir, as distinções teóricas entre os campos da Filologia e da LH. Esta última divide-se em dois sentidos: *lato* e *strictu*, que é dividido em uma linguística histórica *sócio-histórica* e uma linguística diacrônica *associal*.

¹ Tradução nossa de: “The *fact* of language change is a given; it is too obvious to be recorded or even listed among the assumptions of our research.”



A estudiosa preocupa-se em distinguir a Filologia, a ciência dos textos e dos dados datados, e da Linguística Histórica, que em seu sentido *lato* é todo o estudo feito através de *corpora* datados e localizados, explicando que a LH faz uso da Filologia.

A autora afirma que com a hegemonia dos estudos sincrônico-descritivos, os estudos histórico-diacrônicos passaram a plano secundário. Estudar mudanças sem considerar fatores externos ou sócio-históricos, interessar-se somente pelos aspectos intralinguísticos (aqueles que fatores próprios à *grammar* do falante) é fazer linguística diacrônica, não histórica em seu sentido *stricto*. Como sabemos, a teoria gerativa considera a linguística uma ciência “natural” e não “histórica”. Ao trabalharmos com o objetivo de descobrir ou desvelar a constituição histórica da língua portuguesa ao longo de seu tempo histórico, estamos fazendo linguística histórica e não diacrônica. (Id, p.12)

A linguística teve seu reconhecimento tardio como ciência somente no século XIX. Porém, muito antes disso, já na antiguidade, a língua era concebida sob a luz de diferentes ângulos de estudo na Grécia e na Índia. Altman (2009) afirma que a linguística deve ser tomada como uma **disciplina** e um **campo do conhecimento**². Nas palavras dessa autora, a linguística tem “*objetos*,

² Grifo nosso.

cujos escopos não são, em absoluto, coincidentes”, nos introduzindo um problema da delimitação de estudo da linguística dentro de sua historiografia. Segundo a autora, reduzir os estudos linguísticos somente entre os estudos de Schlegel, Saussure, Bloomfield ou Chomsky é também reduzir o conhecimento linguístico ao de uma disciplina que uma certa tradição de estudos nomeia, pois

“ainda que muitos [...] apontem o Método Histórico Comparativo do século XIX como a instância *ab quo* das ciências contemporâneas da linguagem, o início da reflexão do homem sobre as línguas é bastante anterior a este momento, quase tão antigo quanto a percepção pelo homem de que suas línguas podem ser representadas e que diferem entre si.” (ALTMAN, 2009, p.116)

Câmara Jr. (1975) classifica estágios anteriores à ciência linguística como *paralinguística* e *pré-linguística*. Nos *estudos paralinguísticos*, o linguista engloba os estudos da linguagem que não necessariamente entram no domínio da linguagem propriamente dita, permanecendo em seus limites. São eles: o estudo *biológico*, acerca das características do corpo humano que permitam ao homem o uso da linguagem, e o estudo *lógico* acerca de concepções híbridas, filosóficas e linguísticas trazidas pelos gregos, através da formação de uma tradição de estudos norteados simultaneamente por idéias lógicas, filosóficas e linguísticas.

Já a *pré-linguística* engloba os *estudos filológicos*, que comparavam linguagem do passado presente em textos antigos com a linguagem do presente; os *estudos de língua estrangeira*, que realizavam comparações sistemáticas entre as línguas, abordando os contrastes entre essas para obter as condições básicas de ocorrência de intercâmbio linguístico, e o chamado *Estudo do certo e errado*.

No *Estudo do Certo e Errado* surge a concepção tradicional de gramática. Sob esta ótica, o falante que não tivesse dominado os traços linguísticos mantidos pelas classes superiores não possuiria a *gramática*. Na Antiguidade, os estudos do *Certo e Errado*, os estudos *filosóficos* e os estudos *filológicos* foram encontrados na Índia devido à preocupação de manter a compreensão dos textos sagrados dos hindus, os *Vedas*. Também foram encontrados na Grécia (com as escolas filosóficas sempre incluindo a linguagem em seus estudos). Câmara Jr. (1975, p. 27), explica que os filólogos alexandrinos estudavam as antigas fases da língua e os traços distintivos dos dialetos gregos.

“ O estudo filológico misturava-se, naturalmente, com as asserções gramaticais de caráter normativo e com pontos de vista filosóficos entre a analogia (linguagem como sistema governado por leis) e a anomalia (de caráter normativo)”.

Já na Idade Média, o Renascimento faz ressurgir o latim clássico como língua dos estudiosos e também o interesse pelo grego faz com que o “Estudo do Certo e Errado” permaneça através dos estudos normativos dessas línguas. Como exemplo, temos a obra *Elegantiarum Linguae Latinae Sive de Linguae Latinae Elegancia*, datada do século XV, escrita pelo italiano Lorenzo Valla.

A orientação filosófica ocupava-se da distinção entre a gramática “vulgar” e a gramática “filosófica” da linguagem. Já no século XVI, a orientação lógica foi trazida por Scaliger, em sua obra *De Causis Linguae Latinae*. Scaliger queria aplicar à língua as categorias lógicas de Aristóteles. Já no século XVII, a orientação lógica nas asserções gramaticais é o principal aspecto da *Gramática de Port-Royal*, de Lancelot e Arnaud. (Câmara Jr., 1975, p. 33).

No século XVIII, Humboldt nos trouxe os fundamentos descritivos da linguagem. O autor diferenciou a *forma externa* da língua (os sons, o corpo fonético do vocábulo e os recursos vocais) de sua *forma interna* (idéias subjacentes àqueles grupos de sons, as distinções mentais dominantes, o significados das formas linguísticas e as categorias como número, gênero e tempo) (Id., 1975, p. 39).

No princípio do século XIX, surge a linguística como ciência através da hoje chamada *linguística histórica*, que tenta desenvolver a natureza da linguagem como um acontecimento histórico. A abordagem histórica começou no século XVIII por um “*esforço em comparar as línguas de acordo com sua origem hipotética.*” (Id., 1975, p.19 - 40).

O autor relata que tanto a paralinguística quanto a pré-linguística coexistiram com a linguística mesmo após seu advento como ciência. Físicos, biólogos, professores de dicção e, posteriormente, os foneticistas continuaram estudos paralingüísticos que também foram utilizados pela linguística *a posteriori*. Câmara Jr. cita obras como *O Alfabeto Padrão* (1863), de Richard Lepsius, que estudava o alfabeto fonético, e *Fisiologia da Voz Humana*, escrito nos anos quarenta do séc. XIX pelo alemão Liskovius - relacionado ao estudo da voz humana e órgãos de fala. (Id., 1975, p.81).

Até o século XIX, a busca por uma “genética” das línguas era o principal objetivo da linguística. De acordo com Tarallo (1990, p. 29), na primeira metade do século XIX, os grupos de

historiadores da linguagem estavam engajados na “busca da protolíngua” como “*um estágio de língua, não necessariamente atestado em textos, que, em verdade, permite resgatar possíveis relações entre grupos de línguas diferenciados*”

As semelhanças aparentes entre várias línguas diferentes chamaram a atenção de estudiosos como o juiz inglês Sir William Jones, radicado na Índia no século XVIII. Jones, em uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala, afirmou perceber o sânscrito escrito nos textos sagrados hindus, o grego e o latim como línguas aparentadas entre si através de suas raízes lexicais, além de supor que as três línguas citadas descenderiam de uma outra língua já extinta (posteriormente chamada de proto-indo europeu). Dá-se, a partir daí, o início da investigação sobre a relação de parentesco entre as línguas, chamada de *estudos comparativistas*.

“ A língua sânscrita [...] tem com ambas a língua grega e latina um tão estreito parentesco, tanto pelas raízes verbais como pelas formas gramaticais, que tal afinidade não poderia atribuir-se ao acaso. Nenhum filólogo poderá, após ter examinado estes três idiomas, eximir-se a reconhecer serem derivados de uma qualquer fonte comum, que possivelmente já não existe. E há uma razão do mesmo gênero, se bem que menos evidente, para supor que o celta e o gótico [...] tiveram a mesma origem que o sânscrito; e o persa antigo poderia ser acrescentado à mesma família. (JONES apud LYONS 2009, p. 142)

Porém, conforme Faraco (2005), o marco da linguística histórica se deu com a publicação da obra de Franz Bopp em 1816, “*Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen, und germanischen Sprache*”, no qual compara a morfologia verbal, correspondências sistemáticas e também o parentesco entre as línguas grega latina, persa e germânica.

Em sequência, Jacob Grimm, em sua obra *Deutsche Grammatik* (1822), aprofundou-se no estudo da língua alemã (tornando-se o pai da Germanística), percebendo a relação existente entre alguns fonemas do sânscrito, do grego, do antigo germânico, do latim, do eslavo e do persa. Grimm estabelece um estudo propriamente histórico. Segundo Faraco (2005, p. 136): “*A partir dos estudos de Grimm, ficou claro que a sistematicidade das correspondências entre as línguas*

³ Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com o da língua grega, latina, persa e germânica (tradução retirada de FARACO, 2005, p. 133)

tinha a ver com o fluxo histórico e, mais especificamente, com a regularidade dos processos de mudança linguística". Faraco também estabelece como texto pioneiro acerca da utilização do método comparativo para estudar a mudança linguística a obra publicada por Friedrich von Schlegel em 1808 (*Über die Sprache und Weisheit der Ind(i)er*⁴), na qual reforça o posicionamento de Sir William Jones acerca do parentesco das línguas, não somente na raiz lexical, mas também na estrutura gramatical.

No ano de 1871, surge o conceito de *árvores de famílias linguísticas* através dos estudos do alemão August Schleicher. Homem dedicado à botânica e às ciências naturais, tinha como principal objetivo (assim como os linguistas que o precederam), trazer à linguística o *status* de ciência.

Segundo Câmara Jr., Schleicher se intitulava um linguista (*glottiker*) e reclamava para esta ciência (chamada por ele de *glottik*) o lugar de ciência natural, oposta a filologia, que era vista por ele como um ramo da história (CÂMARA JR., 1975, p. 65). Para Schleicher, a língua deve ser estudada como um organismo natural, tendo sua mudança nas mesmas bases evolucionistas propostas por Darwin. Afirma Câmara Jr.: "*a língua depende dos traços físicos dos pensamentos e órgãos da fala dos homens e é um traço racial destes*" (Id., 1975, p. 66). O conceito das árvores de famílias linguísticas pressupõe que "*a estágios relativamente homogêneos de antanho correspondem nas línguas relacionadas períodos de mudança, de fusão (merger) ou ruptura (split), que acabam por caracterizar grupos de línguas estruturalmente diferenciados entre si.*" (TARALLO, 1990, p. 32).

Ao unir o conceito histórico-comparativista de *protolíngua* e uma classificação genealógica das línguas, Schleicher utilizou o termo *indo-germânico* para descrever as línguas aparentadas do alemão. O estudioso considerava o tronco de sua árvore a *Ursprache* como protolíngua germânica, nascendo daí dois ramos: o eslavo-teutônico e o ário-greco-italo-céltico. Também chegou a utilizar o indo-germânico por ele proposto de forma experimental para escrever uma pequena fábula chamada *O cordeiro e os cavalos*.

Segundo a sua classificação, as línguas-ramo nasciam de uma língua-mãe, das línguas-ramo nasciam ramos menores e desses ramos menores havia uma bifurcação de dialetos. Com sua concepção organicista, a evolução linguística era descrita como a de um organismo vivo. A

⁴ Sobre a língua e sabedoria dos hindus (tradução retirada de FARACO, 2005, p. 133)

língua nascia de sua língua-mãe, originava outras línguas e “morria” seguindo as leis naturais. A decadência da língua até a sua finalização ficava implícita.

Além disso, o linguista tomou as línguas hipotéticas como unitárias, considerando a *Ursprache* como modelo teórico mais completo de uma língua flexional (CÂMARA JR., 1975, p. 70) o que não é passível de comprovação científica apurada. Conforme Câmara Jr:

“ *Linguistas de épocas posteriores chegaram à conclusão de que nunca houve uma língua unitária proto-indo europeia. Sabe-se hoje que o método de reconstrução nos oferece traços linguísticos pré-históricos de épocas e lugares distintos, sendo inadequado reuni-los como sistema hipotético da fala de um determinado povo, em uma dada época e lugar, como fora a idéia de uma ‘Ursprache’ no sentido proposto de Schleicher*” (Id., p. 66-67)

Porém, Câmara Jr. afirma que Schleicher ofereceu “*um tratamento coerente e nítido da gramática comparativa e indo-europeia, e através deste estudo, uma visão da linguagem e a natureza de seu desenvolvimento.*” (Id., 1975, p. 71). Já em 1876, Johannes Schmitt questiona a teoria das árvores de famílias linguísticas e cria a *Teoria das Ondas*. A teoria tem ênfase no contato entre falantes de várias línguas, relacionadas ou não, e acredita que “*reflexos idênticos poderiam ser explicados como um fenômeno de ‘desenvolvimento paralelo’*” sem a necessidade de uma protolíngua. (TARALLO, 1990, p. 37)

Desse período também datam as leis criadas por Grimm e Verner. As Leis de Grimm, também chamada de *First German Sound Shift* (MALMLKJAER, 2005, p. 221), na qual explicava que os sons [b,d,g] do Indo-Europeu passaram, respectivamente, a [p,t,k] no germânico.

Verner explicou algumas divergências não explicadas por Grimm. Em sua obra *Uma Exceção à Primeira Mudança Consonantal* (1875), demonstrava que a divergência se devia à localização primitiva do acento. (CÂMARA JR., 1975, p. 86). A Lei de Verner mostrou que o postulado por Grimm só poderia ser aceito se essas consoantes não ocorressem após sílabas átonas.

O uso do método comparativo se estendeu por todo o século XVIII e XIX, buscando a ligação das formas resultantes da mudança linguística através do parentesco, agrupando as línguas às suas respectivas famílias linguísticas. Porém, o método comparativo apresentava

alguns problemas, o que acarretou em críticas. Harrison⁵ ressalta as seguintes limitações do método comparativo:

- i Há limitação temporal relativa.⁶ Quanto mais mudanças (geralmente, em função do tempo) entre línguas aparentadas possam se constatar, menos provável a aplicação do método.
- ii Há limitação sócio-histórica. Algumas situações históricas podem ter consequências linguísticas que viciam o método comparativo.
- iii Há limitação acerca do domínio linguístico. Somente alguns tipos de objetos linguísticos podem ser comparados e reconstruídos utilizando o método.
- iv Há limitações de “delicadeza” (sensitividade). Somente relações genéticas que evoluem a um certo grau de precisão ou delicadeza podem ser determinadas através do método de maneira confiável.”⁷

A mudança linguística já era percebida muito antes do século XIX, mas neste período os teóricos se mostraram bastante empenhados em afirmar que “*a coerência do comportamento linguístico, e, em particular, a regularidade das mudanças fonéticas, podia ser derivada de princípios mais gerais*” (WEINREICH *et al.*, 2006, p. 39)

No século XIX surgem os neogramáticos (chamados inicialmente de forma pejorativa como *jungrammatiker*). O movimento criticava o método histórico-comparativo até então existente, ressaltando a importância de se explicar os estágios intermediários da mudança linguística e não somente seus estados anterior e final com ênfase às línguas vivas. Para eles, o trabalho em linguística histórica deveria se concentrar muito mais na elucidação dos mecanismos da mudança do que na reconstrução de estágios remotos do passado. (FARACO, 2005, p. 119):

Para os neogramáticos, a mudança sonora é regular e condicionada fonologicamente (HALLE, in JOSEPH & JANDA, 2003, p. 343). Para estudiosos da época, como Hermann Paul, a língua e sua mudança eram tomadas no indivíduo, com a suposição de existir um idioleto

⁵ em JOSEPH & JANDA, 2003, p. 213

⁶ O autor acredita que o método comparativo é a única ferramenta que através de uma aplicação bem-sucedida, pode determinar relação de parentesco entre as línguas quando há ausência de evidências escritas de um estado de língua que corresponde a um estágio anterior de mudança.

⁷ Tradução nossa: “i It has relative temporal limitations. The more changes related languages have undergone (in general, a function of time), the less likely the method is to be able to determine relatedness.

ii It has sociohistorical limitations. Certain historical situations can have linguistic consequences that vitiate the comparative method.

iii It has linguistic domain limitations. Only certain sorts of linguistic objects can be usefully compared and reconstructed using the method.

iv It has limitations of “delicacy.” Only genetic relationships up to a certain degree of precision or delicacy can be reliably determined using the method.”

homogêneo e língua em uma realidade psicológica, sem consideração histórica. Além disso, a posição neogramática colocava a mudança linguística sob a aplicação de leis fonéticas a todos os itens lexicais da língua, desde que houvesse contexto favorecedor. As exceções eram explicadas por analogia ou empréstimo.

Foi no estudo das línguas românicas que a abordagem dos neogramáticos teve mais significação. A linguística românica constituiu-se de forma a testar as teorias que a gramática comparativa indo-européia havia desenvolvido (CÂMARA JR., 1975, p. 108). Segundo Câmara Jr. (1975, p.108), com o trabalho do linguista Friedrich Diez, em 1836, mostrou-se que o latim do qual derivaram as línguas românicas não poderia ser o latim clássico, mas sim um tipo mais popular (latim vulgar). Isso foi feito através do método comparativo utilizado na análise de textos antigos como trabalhos literários, inscrições e erros denunciados pelos gramáticos adeptos do *Estudo do Certo e Errado* da época. Já Schuchardt, em sua obra *Vocalismos do Latim Vulgar*, traz dados concretos. Como principal representante deste período dialetal temos Wilhelm Meyer-Lübke, ex-aluno de Johannes Schmidt (o criador da Teoria das Ondas), que publicou obras como *Gramática das Línguas Românicas* (1890-1900), *Introdução ao Estudo da Linguística Românica* (1901) e o *Dicionário Etimológico de Línguas Românicas* (a terceira edição data de 1935). Câmara Jr. afirma que Meyer-Lübke dá muita importância aos dialetos populares e deixa de lado o latim literário, que era objeto exclusivo dos estudos de Diez. (CÂMARA JR., 1975, p. 111)

No começo do séc. XX surgem os dialetologistas. Para Câmara Jr. (1975, p. 115), a dialetologia é um estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos. Utiliza-se a técnica da *Geografia Linguística*. Esta técnica consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, constituindo um atlas linguístico com as isoglossas do território estudado.

Linguistas como o italiano Graziadio Ascoli (*Archivio Glottologico Italiano*, 1872) e Gaston Paris (*Les Parlers de France*, 1888) já discutiam a noção de dialeto em fins do século XIX. Ascoli estudou dialetos do italiano e Paris os dialetos franceses. (Id., 1975, p. 120). Os estudos que marcaram o início da chamada Geografia Linguística foram os do ex-aluno de Gaston Paris, o suíço Jules Gilleron.

Ilari (2008) cita o trabalho de Gilleron, professor de dialetologia da École de Pratique de Hautes Études. Suas pesquisas de campo utilizando questionários de 1920 perguntas em 639

pontos do território dos dialetos galo-românicos deram origem ao *Atlas linguistique de la France* (ALF), que foi publicado entre 1902 e 1912. Gillerón mostrou que

[...]além da evolução fonética, operou crucialmente na formação dos dialetos românicos, a criatividade dos falantes, particularmente ativa toda vez que se tornava necessário desfazer colisões homonímicas e salvar palavras foneticamente pouco consistentes [...]. (ILARI, 2008, p. 26).

Os estudiosos da Geografia Linguística tinham uma profunda ligação com a fonética prática. O alemão Gustav Wenker (1881) utilizava um método diferente de Gilleron, que planejava a pesquisa por meio de um pesquisador que percorria o território. Wenker utilizava o método por correspondência. Este método inspirou o linguista suíço Louis Gauchat, que estudou os dialetos suíços em 1902. O método foi melhorado por Karl Jaberg, também da Suíça, com duas obras: *Geografia linguística* (1908) e *Aspectos Geográficos da Língua* (1936).

Como sabemos, a concentração em elucidar os mecanismos da mudança do que na reconstrução de estágios remotos do passado foi trazida pelos neogramáticos. A preocupação de explicar a mudança dentro de aspectos históricos passa a uma preocupação com caráter mais intralinguístico. O pensamento linguístico deixa de conceber a língua centrada aos aspectos históricos e esta passa a ser mais concebida dentro de sua própria sistematização. A preocupação é definir o caráter interno de língua.

2.2 A Linguística como Ciência

Com posicionamento relacionado aos neogramáticos, surge no século XX o suíço Ferdinand de Saussure, que traz novos conceitos à ciência linguística: as dicotomias de língua concebida como *langue* e *parole* e os conceitos de sincronia e diacronia. Vimos que antes de Saussure estava em plena vigência “*a lingüística histórica ou gramática comparada – que cobre todo o século XIX*”. (Lopes, 1997, p. 54 apud SILVA, SD, p. 3). Para Saussure, a *langue* consiste em um sistema fechado de regras no qual os elementos encontram-se em oposição funcional. A *langue* era oposta à *parole*.⁸

⁸ “*Langue* refere-se ao sistema da língua compartilhado por uma comunidade de falantes; *parole* é o ato concreto da fala em situações reais por falantes individuais.” (CRYSTAL, 2000: 156)

Além disso, Saussure trouxe a classificação da linguística entre linguística diacrônica (ou histórica) e sincrônica (ou estática). A noção de se estudar um *estado de língua* no eixo sincrônico nos faz crer que o sistema linguístico só poderia ser observado através de recortes sincrônicos sucessivos no tempo.

Para Saussure, a linguística devia ocupar-se do aspecto sincrônico da língua. A língua é reduzida ao *signo* linguístico, que é definido como “*uma entidade psíquica de duas faces*” (SAUSSURE, 2006, p. 80) chamadas de *significante* (a imagem acústica) e o *significado* (o conceito), unidas por um *laço arbitrário*. Indo de uma linguística mais “*interna*” e passando ao estudo de uma linguística “*mais externa*”, Saussure (2006, p.221) afirma que a diversidade linguística é surpreendente ao estudo de línguas, as diferenças de um “*país ao outro, ou mesmo de um distrito ao outro*”. O estudioso alude o seguinte:

“*Conquanto as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos; os próprios selvagens as percebem, graças aos contatos com outras tribos que falem outra língua. É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma.*” (SAUSSURE, 2006, p. 221).

Conforme Somerset & Watson, Saussure propõe, acerca da língua, que “*em qualquer tempo, a língua pertence a todos os seus usuários. É uma facilidade não-restrita disponível por toda e para toda a comunidade.*” (SAUSSURE *apud* SOMERSET & WATSON, 2003, p. 224)⁹

Saussure, tendo estudado com neogramáticos, trouxe muito de suas concepções. Conforme Lyons (2009, p.156), os estruturalistas e funcionalistas “*tendem a atribuir a mudança linguística tanto quanto possível ao que se classifica como fatores internos: principalmente às readaptações contínuas que são efetuadas por um sistema linguístico na passagem de um estado de equilíbrio (ou quase equilíbrio), para outro.*”

Também Martinet (1975) explica a mudança sonora através de uma concepção de língua como “*sistemas semióticos auto-reguladores, regidos pelos princípios complementares do menor esforço e da clareza comunicativa*”. Segundo Martinet, os princípios que regem as mudanças sonoras nas línguas terão o efeito de reduzir o número de distinções fonológicas e de maximizar suas funções (LYONS, 2009, p.156).

⁹ Tradução nossa: “At any time, a language belongs to all its users. It is a facility unrestrictedly available throughout the whole community.”

Martinet sugere que a língua seja definida através do estudo da articulação da experiência em unidades sucessivas das diversas línguas existentes. Porém, acrescenta:

“ *Mas nela incluiremos também a outra articulação da linguagem, aquela segundo a qual cada palavra, cada monema se encontra, no plano da forma, articulado numa série de unidades distintas, os fonemas.*” (MARTINET, 1971, p.15)

Em sua obra *Elementos de Linguística Geral* (1973), o autor explica as unidades básicas da língua concentradas no *signo* linguístico proposto por Saussure. Na mesma obra, traz justificativas acerca da evolução linguística centradas no aparecimento de novas funções, questões de economia (lei do menor esforço, economia sintática e paradigmática) e probabilidade e frequência de palavras.

Martinet nos diz que só a causalidade interna interessa ao linguista, centralizando a análise da mudança a fatores internos da língua.

“ As consequências linguísticas duma modificação social se repercutem no tempo, entram em conflito com as inovações provocadas por novas fases da evolução da sociedade e necessariamente estabelecem com estas um ‘modus uiuendi’, que é a própria estrutura da língua em cada momento do seu devir.” (MARTINET, 1973, p. 181)

Para Coseriu (1979), a língua muda para continuar funcionando como tal. O latim de Cícero deixou de funcionar como língua histórica assim que deixou de mudar, por ter se tornado uma língua morta, ainda que possa funcionar como “código”. Já a língua viva, cita Hartmann *apud* Coseriu (1979, p. 32), “*não permanece nunca em repouso, está em contínua transformação.*” O autor afirma que o ser humano não espera a mudança linguística.

“Se a língua é um organismo sistemático em que tudo está relacionado entre si, e o seu objeto a compreensão por parte da comunidade em que é falada, dever-se ia esperar a sua estabilidade como sistema que cumpre adequadamente sua função (LLORACH *apud* COSERIU, 1979, p. 16).

Segundo o linguista, a língua é tomada *como objeto de estudo específico do campo fonológico e a fala do campo fonético, pois entre a língua e fala há as normas. Toda língua se sustenta em dois eixos: paradigmático (eixo das oposições) e o sintagmático (eixo das associações).* (SILVA, SD, p.12)

Vemos que não há nenhuma contradição entre *sistema* e *historicidade* da língua. Ao contrário: a historicidade da língua implica sua sistematicidade. Sobre as diferenças de uma língua idealizada e uma língua de uso real, Coseriu afirma:

“Os aparentes conflitos entre a razão e a realidade são sempre conflitos da razão consigo mesma, pois não é a realidade que se deve adequar ao intelecto, mas vice-versa.

Por isso- se a língua real não é “como deveria ser” – “ o sistema no sentido estrito desse termo” ou não corresponde a nenhuma realidade (e nesse caso se trata de uma definição formal, de um conceito criado por convenção), ou corresponde a outro objeto, e não à língua real. Não obstante, esse outro objeto pode corresponder a um modo de considerar a língua real.” (COSERIU, 1979, p. 19)

Ao criticar Saussure:

[...]só pode significar que o “sincrônico” ou “estado de língua” não é, para Saussure, a realidade histórica do estado de língua, mas sim, sua projeção sobre a tela estática do investigador [...]. O que é independente da diacronia é a descrição sincrônica, não o estado de língua real, que é sempre “resultado” de outro estado anterior e, para o próprio Saussure, é “produto de fatores históricos”.”(COSERIU, 1979, p. 20)

Leonard Bloomfield, linguista e filólogo americano, foi influenciado pelo estruturalismo europeu. Bloomfield acreditava introduzir um grande rigor científico aos estudos linguísticos ao afirmar que *as generalizações válidas acerca disso são aquelas baseadas em indução* (McCARTHUR, 1992, p. 137). Tinha uma concepção derivada do comportamentalismo ou *behaviourismo*, com foco no estímulo-resposta.

Em sua obra, *Language* (1933), Bloomfield nos traz a língua como *sistema preferencialmente mecanicista e experimental do que introspectivo ou mental* (McCARTHUR, 1992, p. 137). O cientista acreditava que o fonema era uma unidade mínima da característica vocal e afirmava que dali a alguns anos os fonemas de uma língua seriam definidos em um laboratório. Para Bloomfield¹⁰ as variantes observadas na mudança linguística são relevantes para a história da mudança que as produziu.

Além de Bloomfield, os linguistas antropólogos americanos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf também fizeram a sua contribuição com a teoria da relatividade linguística, que desempenhou um papel importante no estruturalismo. Seguidores de Franz Boas, os linguistas acreditavam na hipótese de que nossa categorização conceitual do mundo pode ser determinada pela estrutura de nossa língua nativa. Nas palavras de Whorf, “ *nós dissecamos a natureza*

¹⁰ “In order to record and estimate a local form, however, we need to know its structural pattern in terms of the phonemic system of the local dialect. Furthermore, several variant pronunciations or grammatical or lexical types may be current, with or without a difference of denotation, in a local dialect, and these variants may be decidedly relevant to the history of the change which produced them.” (*Dialect Geography* In: BLOOMFIELD, 1973, p. 324)

através de linhas colocadas por nossas línguas nativas... pelos sistemas linguísticos em nossas mentes". (WHORF *apud* CRYSTAL, 2000, p.140)

Sapir afirma que a linguística histórico-comparativa se ocupa de explicar a mudança sonora como regular e sequencial. Analisa o produto final dessa mudança ocorrida através de processos como reajustamento morfológico e afirma a mudança sonora como regular. (SAPIR, 1929, p.207). Para o autor¹¹, a mudança é sempre um produto histórico. Segundo o autor, "*nada é perfeitamente estático. Toda a palavra ou som da língua é uma configuração modificadora gradual, moldada pela mudança invisível e impessoal que é a vida da língua.*"

Alguns membros da Escola de Praga e de seu grupo de estudos chamado *Círculo Linguístico de Praga*, fundado em 1926 incorporaram em sua teoria funcionalista da linguagem muito do estruturalismo saussureano, embora fossem contrários a Saussure em muitos pontos (especificamente na homogeneidade de seu sistema linguístico). Seus membros mais influentes eram Roman Jakobson e Nikolaj Trubetzkoy, que se preocuparam em descrever aspectos internos acerca da língua, diferentemente da mudança linguística tratada como prioridade nos estudos até então.

Para os linguistas do *Círculo de Praga*, a mudança linguística era entendida como intrinsecamente relacionada ao sistema alterado pela mudança.

Trubetzkoy nos trouxe a noção de traços distintivos em sua obra *Grundzuge der Phonologie* (1939), na qual explica que os traços distintivos marcam *a fronteira entre uma forma e outra na cadeia de fala*. (LYONS, 2009, p. 167). Para Trubetzkoy, a fonologia deveria lidar com a função linguística dos sons (suas habilidades de apontar diferenças na relação palavra-significado), como membros de oposições fonêmicas. *O fonema era sua menor unidade fonológica, como "oposições" existiam somente dentro de um sistema de língua, não tão autônomos quanto aos blocos de constituição segmental, que mais tarde tornaram-se os "traços distintivos" de Jakobson, e através dele, a Fonologia Gerativa de Chomsky e Halle*. (CHAPMAN & ROUTLEDGE, 2005, p. 267- 268)¹²

De acordo com Miglietta (2010, p. 4), Trubetzkoy (1939) era um pensador estruturalista, que não acreditava que o fonema poderia definir-se por si mesmo, mas somente em oposição a

¹¹ (SAPIR, 1921, p. 83, tradução nossa)

¹² Tradução nossa: "The phoneme was his smallest phonological unit, as 'oppositions' existed only within a language's system, not quite the autonomous segmental building blocks, which they later became as the 'distinctive features' of Jakobson, and through him, Generative Phonology (originated by Chomsky and Halle)".

outros fonemas. A função do fonema era distinguir significado entre palavras. Para isso, possuía traços distintivos. O autor propôs uma lista com cerca de 40 traços distintivos, alguns acústicos outros articulatórios, com diferentes configurações para vogais e consoantes.

Já para Jakobson (1939), os traços (e não os fonemas) são considerados as unidades mínimas. Alguns traços de valores binários propostos por Trubetzkoy foram decompostos em duas ou mais posições de valor. Em Jakobson, Fant, Halle (1952), vemos uma proposta de sistema de contrastes. Afirmam ser a língua em sua essência um sistema falado, e sua primitividade deve ter uma base externa no sinal acústico e também na atividade articulatória do falante. Propõem uma lista de 12 traços binários, que existem independentemente dos segmentos que compõe. (MIGLIETTA, 2010, p. 8)

A noção de traço distintivo foi modificada por Jakobson e posteriormente por Chomsky e Halle na obra *“The Sound Pattern of English”* (1968). Nesta obra, Chomsky & Halle explicam o padrão de sons dentro de uma língua em referência a traços fonológicos na mente do falante. Trazem 24 traços distintivos com ênfase em definições articulatórias. Descrevem o correlato articulatório de cada traço, mas só tratam dos correlatos acústicos dos traços ocasionalmente.

Na teoria apresentada, os traços são utilizados em regras fonológicas. Nesta obra, Noam Chomsky, expõe sua teoria gerativa acerca da fonologia. Para Chomsky, as regras fonológicas fazem parte da *competência* do falante. Com sua abordagem mentalista, o linguista acredita que as representações fonéticas são construídas entre falante e ouvinte. O que é percebido pelo ouvinte depende da constituição física do sinal, o conhecimento do ouvinte acerca da língua (estrutura profunda e regras fonológicas) e fatores extra-gramaticais.

A língua é concebida por Chomsky como *uma configuração de sentenças todas construídas com um alfabeto finito de fonemas que podem ser ou não significativos, em qualquer sentido independente da palavra, ou sempre foi usado por falantes da língua.* (CHOMSKY, 1957, p. 284 *apud* JOSEPH & JANDA, 2003, p. 5). A base cognitiva de sua teoria está na crença de uma *gramática universal* que compreende os universais linguísticos que integram a *competência* do falante. O uso dessa língua se caracteriza como *desempenho* do falante. Afirma:

“(...) devemos isolar e estudar o sistema da competência linguística que está subjacente ao comportamento mas não é compreendido de um modo direto e simples no comportamento.” (CHOMSKY, 1971, p.15)

Para Chomsky, a língua é encarada como sistema homogêneo, utilizado em uma comunidade homogênea por um falante-ouvinte ideal (CHOMSKY, 1965, p. 3 *apud* JOSEPH & JANDA, 2003, p. 5)¹³. Para ele, a gramática deve ser vista como um dispositivo de alguma espécie com a finalidade de produzir sentenças da língua sob análise. Além disso, “*os linguistas devem se preocupar com o problema em determinar as propriedades subjacentes fundamentais de gramáticas apropriadas*”.¹⁴

Vemos que os estudos linguísticos passaram a uma visão bastante interna de língua. A mudança é deixada de lado devido a preocupações intralinguísticas trazidas pelo gerativismo e as idéias estruturalistas que o originaram. Um retorno ao estudo da mudança linguística ocorre com as idéias propostas por Weinreich, Labov e Herzog, que veremos na próxima seção.

2.3 Um Retorno à Ênfase da Mudança Linguística: a era Labov

Criticando a homogeneidade linguística idealizada até então, Weinreich, Labov e Herzog lançam em 1968 *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Na obra, os autores criticam tanto os neogramáticos como o gerativismo por centralizarem a razão da mudança e variação linguística em seu aspecto interno. Consideram a noção idealizada de língua (o isolamento do idioleto dos neogramáticos e a homogeneidade linguística do falante ideal de Chomsky) sujeita a pressões sociais existentes no espaço geográfico e social do falante. Para Weinreich *et al*, o fato de as leis fonéticas se aplicarem a todos os itens lexicais desde que houvesse contexto favorecedor, sendo as exceções explicadas por analogia ou empréstimo, não “*encontra qualquer respaldo empírico*”. (WEINREICH *et al*, 2006, p.19)

Sabe-se que a língua falada é heterogênea. Os falantes realizam escolhas entre um som ou outro, entre uma palavra e outra. O objetivo da Teoria da Variação é definir como e por que são feitas essas escolhas, considerando não somente fatores lingüísticos mas também fatores sociais condicionantes.

A concepção de língua e os estudos até Labov definiam o comportamento lingüístico dos falantes através da estrutura interna do sistema, considerando a variação livre e a mudança sonora constante e lenta, impossível de ser sistematizada (HOCKETT *apud* WEINREICH *et al*, 2006, p.

¹³ “Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker-hearer, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly”. Avram Noam Chomsky, *Aspects of the Theory of Syntax*

¹⁴ (CHOMSKY, 2003, p. vii, tradução nossa.)

64). Vemos em Paul (1880), estudos que explicam a mudança fônica no indivíduo. Paul focava no idioleto uma forma de expressão da língua falada em um grupo, porém não analisava o comportamento social do falante inserido em uma comunidade específica. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 39)

Passando-se do conceito estruturalista de língua, que a concebia somente inerente ao seu sistema interno, ao gerativismo de Chomsky, que traz o estudo da competência linguística de um falante-ouvinte ideal, inserido em uma comunidade homogênea, não vemos a variação/mudança linguística passível de explicação a partir de fatores condicionantes. Somente nos estudos realizados por Labov a partir da década de 60 é que se inicia uma busca por condicionadores da variação ou mudança. Além de conceber na linguística histórica o *fato* dado da mudança linguística, o autor limitou a meta primária da área à busca e reconstrução da história de uma língua ou família linguística (LABOV, 1994, p.9, grifo do autor), e dizemos, como metas posteriores, tratar da mudança não somente em caráter linguístico ou histórico, mas também social da explicação da heterogeneidade linguística.

Antes dos estudos labovianos, podemos citar os trabalhos de Uriel Weinreich e Marvin I. Herzog, que também consideraram fatores sociais condicionantes de variáveis linguísticas. Weinreich, na época, trabalhando na Universidade de Columbia (Nova York), orientou as teses de doutoramento de William Labov e Marvin I. Herzog; suas obras, *Language in Contact* (publicada em 1953) e sua tese sobre o bilingüismo na Suíça (1951) são referências históricas nos estudos de mudança e variação linguística. Em 1952, o estudioso concluiu que a ocorrência de uma antiga pronúncia do iídiche no nordeste da Europa deveu-se a processos migratórios de falantes que ainda a usavam. Surgiu, então, o projeto *Atlas lingüístico e cultural das comunidades judaicas asquenazes*, tendo Herzog como colaborador assíduo na pesquisa.

Ao conceber a mudança linguística, Labov afirma a **estabilidade** da língua como uma de suas propriedades mais importantes, já que a língua evoluiu no curso da história humana como um instrumento de comunicação bem adaptado às suas necessidades (LABOV, 1994, p.9, grifo nosso). Se a língua ao mesmo tempo em que muda em sua historicidade também mantém-se estável, vemos no estreitamento entre sincronia e diacronia uma visão mais abrangente acerca da mudança linguística. Previamente a Labov, Coseriu (1979) parece ter concebido essa estabilidade

através da **funcionalidade** da língua classificando-a como pertencente à *ordem causal*, aos fatos que são determinados pela sua *função*.¹⁵

Se se entende a língua funcionalmente, *primeiramente como função e depois como sistema* – e é assim que se deve entendê-la, pois a língua não funciona *porque* é sistema, mas, ao contrário, é sistema *para* cumprir uma função, para cumprir uma finalidade. Longe de funcionar apenas *em ne changeant pas*, como ocorre com os “códigos”, a língua muda *para continuar funcionando como tal*. (COSERIU, 1979, p.31)

Orientado por Weinreich (que já havia realizado sua tese sobre o bilinguismo na Suíça) Herzog publicou sua tese *The Yiddish Language in Northern Poland* em 1965. O estudo dialetológico com falantes de 34 comunidades revelou que uma pequena área localizada no norte da Polônia poderia ser tomada como um modelo em escala de todo o território iídiche oriental, mesmo sendo esta área menos de dez por cento de todo o território investigado (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.11).

Em 1975 Labov, também sob supervisão de Weinreich, demonstrou através de seus estudos feitos na Ilha Martha’s Vineyard e em lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque que não somente fatores linguísticos e internos condicionam a produção e articulação de certas variantes fonéticas, mas também fatores extralinguísticos e externos podem condicionar a direção de variação estável ou mudança linguística.

Estabeleceram-se, então, as bases metodológicas da pesquisa sociolinguística variacionista, reabrindo a questão das possíveis motivações sociais da mudança linguística. (FARACO, 2005)¹⁶

Labov, juntamente com Herzog e Weinreich, propõem fundamentos empíricos de um novo modelo de análise da mudança linguística, denominado de Teoria da Variação e Mudança Linguística. As bases para essa nova abordagem surgiram a partir de dois estudos: uma análise da centralização de ditongos na ilha de Martha’s Vineyard (sua dissertação de mestrado) e outro sobre a estratificação do (r) em lojas de departamentos em Nova Iorque (sua tese de doutoramento). O estudioso comprovou que a mudança linguística estratificada está ligada a uma mudança na estrutura social na qual o falante toma parte. Além disso, levantou problemas centrais na realização de um estudo de mudança, problemas acerca dos fatores condicionantes, do

¹⁵ (PAGLIARO 1950, p.112 *apud* COSERIU, 1979, p.31)

¹⁶ In Weinreich et al (2006, p.12)

encaixamento, da avaliação e da transição da mudança linguística. Também propõe estratégias de análise que levam em consideração a resposta das seguintes perguntas:

1. Quais são os fatores gerais que condicionam a mudança? (Fatores condicionantes)
2. Como a mudança se encaixa na língua? (Encaixamento)
3. Como a comunidade avalia essa mudança? Quais os efeitos dessa avaliação? (Avaliação)
4. Como e por quais meios ocorre a mudança? (Transição)
5. Por que, quando e onde ocorreu a mudança? (Implementação)

(LABOV, 2008, p.191-214)

Weinreich, Labov e Herzog destacam os problemas da transição, do encaixamento e da avaliação para o estudo empírico das mudanças em progresso. O problema dos fatores condicionantes consiste em determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Aludem ao fato de que nem toda combinação de fatores linguísticos e sociais foi observada nos estudos até então.

O problema da transição, segundo os autores, é resolvido encontrando-se o caminho pelo qual um estágio da mudança evoluiu de um estágio anterior. Admitindo-se que há existência de etapas ou níveis para a realização da mudança linguística, Labov sugere considerar o dialeto como *transicional* e não *nuclear* (como Herzog o fez), considerando *alguns sistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/innovador*. O autor ressalta a importância de traçar o maior número de estágios intermediários possíveis. (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p.122)

Já a questão do encaixamento envolve a *descoberta das correlações entre elementos do sistema linguístico e entre esses elementos e o sistema não-linguístico de comportamento social*, que nos leva ao problema da avaliação desse encaixamento. Avaliar consiste em uma abordagem direta (*medir as reações subjetivas inconscientes dos informantes aos valores da própria variável linguística*) e uma abordagem mais indireta (*correlaciona as atitudes e aspirações gerais dos informantes com seu comportamento linguístico*) (LABOV, 2008, p.193). Esse encaixamento é classificado acerca de sua natureza e extensão, podendo ser um *encaixamento na estrutura linguística* e também *na estrutura social*. Para encaixamento na estrutura linguística, o conceito de variável como um elemento estrutural pelo linguista (ampliando o foco teórico anterior, que era somente no idioleto) não contempla as flutuações no uso como externas ao sistema, pois *o controle de tal variação faz parte da competência linguística dos membros da comunidade de fala*. Em relação ao encaixamento na estrutura social, *a tarefa do linguista não é tanto*

demonstrar a motivação social da mudança, mas além disso, determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico. (Id., 2006, p.123).

Sobre o problema da avaliação, os autores também destacam o estabelecimento empírico dos correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea, além da observação do nível da consciência social acerca da mudança. Já na implementação da mudança, o processo ocorre pelo alto grau de regularidade que a mudança demonstra em seu comportamento, conforme o autor, *uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística e o traço linguístico assume uma certa significação social.* (Ibid., 2006, p.124)

Labov propõe dois tipos de análise da mudança linguística: a análise em tempo real e a análise em tempo aparente. A mudança em tempo aparente é a análise baseada em um recorte sincrônico. Labov faz esse recorte transversal baseado na faixa etária de seus informantes. Assim, é possível constatar o uso de uma ou outra variante por falantes mais jovens ou mais velhos, prevendo a mudança linguística ou afirmando uma variação estável.

Já a mudança em *tempo real* é a análise baseada em fontes históricas. Essas fontes históricas podem incluir um ou vários recortes sincrônicos no tempo. Procedese a um encaixamento da variável sincrônica (do tempo aparente) no caráter histórico do tempo (tempo real). (TARALLO, 2007, p. 70). Somente distribuir os falantes em grupos etários não necessariamente representa mudança como o proposto pela análise em tempo aparente. É necessário analisar a fala em dois períodos diferentes. O estudo em tempo real se baseia em comparações qualitativas, já que uma comparação quantitativa nem sempre é possível devido a difícil relação entre frequências anteriores e atuais. Labov nos traz dois tipos de estudos possíveis para a análise em tempo real:

- Estudos de tendência (*trend studies*): se utiliza dos mesmos critérios de análise e metodologia,. Enumera-se a população geral do mesmo modo, limita-se a amostra populacional do mesmo modo e obtem-se os dados do mesmo modo, porém alguns anos mais tarde. Para esse tipo de estudo, o autor ressalta que na comunidade deve ter permanecido certa estabilidade acerca de seus aspectos demográficos. Se tiver ocorrido algum tipo instabilidade, os resultados da pesquisa são alterados por fatores extralinguísticos.

- Estudos de painel (*panel studies*): se utiliza dos mesmos critérios de análise e metodologia do estudo de tendência, porém na mesma amostra: aplicados a recontatos de falantes, o que nem sempre é possível devido a passagem do tempo.

O estudo de painel proporciona a análise do indivíduo, podendo ser utilizado para a distinção de uma mudança relacionada a geração. Combinando-se ao estudo de tendência, temos a configuração de quatro padrões a seguir: (1) estabilidade; (2) gradação etária; (3) mudança de geração e (4) mudança na comunidade. (LABOV, 1994, p. 76-77). Para o autor

[...]a interpretação de dados reais, advindos de estudos de painel ou de tendência demanda um modelo subjacente de como os indivíduos mudam ou não mudam durante a vida, como as comunidades mudam ou não durante o curso do tempo, e no que resulta a combinação dessas possibilidades. (Ibid., 1994, p. 83)

Labov diz que o sistema fonológico é dotado de certa estabilidade ao longo do tempo de vida de um indivíduo. Se pudermos definir quando e quais são as situações nas quais esta estabilidade é regra, torna-se possível inferir mudanças em tempo real com maior probabilidade.

A combinação de sincronia e diacronia, quando nos voltamos para o passado, pode nos ajudar a compreender o comportamento da variação e mudança. Ao realizarmos um estudo do passado com base em fenômenos já atestados no presente, cremos que o linguista pressupõe o presente e o passado como contínuo de acontecimentos, atestando a variação, mudança ou regularidade da língua.

Estudos que tomam como base um estado de língua longínquo no tempo (em nosso caso, século XIX), tem na escrita uma fonte de dados relativos de fala. Com nosso estudo centrado em dados de escrita, passamos a nossa próxima seção sobre o estudo da mudança linguística através de registro escrito.

2.4 Estudo da Mudança Linguística pelo Registro Escrito

A escrita, como fonte de estudo da língua, só foi utilizada por filósofos da era clássica no *Estudo do Certo e Errado*, ressurgindo como objeto pelos filólogos e linguistas históricos.

A língua escrita começou, segundo Gelb (1963, p.11 e 12) quando o ser humano aprendeu como comunicar seus pensamentos e sentimentos através de um sistema de sinais visíveis, compreensíveis não somente para ele mesmo, mas para outros também iniciados nesse sistema. Para o autor, após estágios da escrita nos quais a representação gráfica era mais distante acerca da

representação sonora da fala, houve um processo de *fonetização* que possibilitou ao homem expressar suas idéias de forma que estas pudessem representar categorias mais exatas de fala.

Callou e Leite (2009, p.45) afirmam que para reproduzirmos as sequências fônicas da nossa língua, usamos sinais gráficos representativos desses sons: são os chamados *grafemas* ou *letras*, não havendo uma correspondência exata entre o número de grafemas e o de fonemas na língua. Há um sistema ortográfico que rege essa representação na língua escrita a fim do estabelecimento de um padrão de representação. As autoras ressaltam que “as mudanças fonéticas e fonológicas estão sempre em curso e um sistema ortográfico não poderá nunca acompanhá-las”. Devido a isso, o estabelecimento de um padrão de escrita facilita a representação da fala (dotada de inúmeras diferenças de pronúncias acerca de diferenças regionais e sociais).

A maior parte da análise de variação na língua falada é feita sob a luz da sociolinguística quantitativa laboviana, observando-se os falantes e/ou fazendo a audição de gravações. Os dados são de línguas vivas, tratados matematicamente para a verificação da mudança ou variação estável de uma forma. Por exemplo, se analisarmos a ocorrência da o fenômeno “elevação da vogal média final” (*gente* vs. *genti*), teremos, após uma coleta de dados acerca desse fenômeno, um número de ocorrências, que, sob a luz da Teoria da Variação, é condicionado quantitativamente por fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos).

Labov (1994), afirma a possibilidade de um *estudo em tempo real*, que propõe a análise de dados de um período do passado para interpretar o presente. O autor resalta a questão de comparação quantitativa vs. qualitativa. Ao realizar um estudo em tempo real (comparando um período histórico com outro), constatam-se que observações anteriores nem sempre podem ser facilmente comparadas com as frequências expostas pelos estudos atuais. Deve-se ter uma interpretação qualitativa dos dados já existentes.

Para realizarmos nosso estudo nos utilizando de uma fonte escrita do passado para atestar formas do presente, evocamos o *princípio uniformitarista* (Labov, 1994, p. 21). Este princípio foi originalmente trazido na geologia pelo escocês James Hutton em 1875. O uniformitarismo é oposto ao catastrofismo, ao afirmar que “o conhecimento de processos que operaram no passado podem ser inferidos através da observação dos processos de mudança em progresso no presente”. (Christy, 1983, ix *apud* Labov, 1994, p. 21).¹⁷

¹⁷ Tradução nossa: *knowledge of processes that operated in the past can be inferred by observing ongoing processes in the present.*

Aplicando esse princípio à mudança linguística, cremos que não teríamos como afirmar os estágios intermediários ou anteriores ao presente se não tivéssemos o presente como base. O uniformitarismo expressa um entendimento de fatos linguísticos tendem a uma uniformidade, pela combinação entre sincronia e diacronia.

O estudo linguístico em *tempo real* nem sempre pode contar com a observação ou testemunho de falantes, trazendo na língua escrita uma fonte para estudo de mudança. A utilização da língua escrita como objeto de estudo já era feita entre os comparativistas, com sua hipótese genética das línguas e os neogramáticos, que estudaram as evoluções fonéticas das línguas. Estes linguistas trouxeram à linguística histórica uma tradição na utilização de base escrita para explicar o parentesco e a mudança entre as línguas.

Porém, segundo Labov (1972), trabalhar com a escrita é “*uma arte de fazer o melhor uso de dado ruim*”. Isso significa que não podemos atribuir um correspondente na fala a tudo o que temos na escrita, e vice-versa. A correspondência entre fala e escrita nem sempre é exata, o que torna a escolha de textos para análise uma tarefa difícil.

Montgomery (2010) *apud* Da Hora & Battisti (2010, p. 41) ressalta que documentos pessoais redigidos por pessoas com pouco domínio de normas gramaticais e ortográficas – aqueles, portanto, mais suscetíveis a interferência dos padrões de fala – trazem uma escrita que se mostra inicialmente errática e pouco sistemática, dificultando a detecção da variação ordenada. Supor o que aparece na escrita reflete a fala, mesmo que indiretamente, e abordar filologicamente os dados possibilita contornar esta dificuldade. É necessário verificar, segundo o autor, se

“as flutuações ortográficas apresentam um padrão estrutural numa variedade particular de uma língua falada; se ocorrem na escrita de mais de uma pessoa; se corroboram a pronúncia de outras fontes e variedades da língua”. (2010, p. 41).

Além disso, Montgomery também sugere que a preparação do *corpus* requer, além de critérios para classificar as alterações ortográficas, cuidado na seleção dos textos. O autor aponta perguntas a serem respondidas em cinco dimensões:

- textual: Qual é o tipo de texto? Aproxima-se da fala? Quanto? Qual seu registro e estilo?
- temporal: Quando foi produzido? Que período da língua ele representa?
- social: quem produziu o texto? De quem é a língua representada?
- espacial: De onde se origina o texto? Qual a nacionalidade ou origem regional do autor?

- da representatividade: De quantos indivíduos os textos se originam? De que porção da sociedade eles são típicos? Quão generalizáveis são os padrões de língua que eles evidenciam?

Além da definição do texto para análise, é preciso definir o tipo de dado escrito a ser considerado. A utilização de dados escritos em textos antigos é abordada por Roger Lass. O autor concorda com o princípio do *uniformitarismo* de Labov (1994) ao afirmar que “*o passado existe somente através das operações que nós desempenhamos no presente sobre seus vestígios aparentes para interpretá-lo assim como o passado*” LASS (2000, p. 21)¹⁸

Além disso, o autor nos afirma a possibilidade de se analisar o registro fonológico através da escrita. Porém, adverte que a variação na escrita deve ser tomada mais cuidadosamente. É bastante corriqueiro o equívoco acerca de variação puramente gráfica e da variação gráfica fonológica (na qual a escrita pode refletir o fonema da língua em questão).

A utilização do registro escrito para analisar a mudança ou variação linguística nos abre um campo de estudo que possibilita a realização de estudos diacrônicos com base em estados linguísticos longínquos no tempo. Para a interpretação de *dados bons*, Roger Lass aborda foneticamente a importância do registro escrito tomado como reflexo do som da fala ressaltando, porém, a dificuldade do procedimento:

“*Temos que determinar a relação de um dado sistema escrito e ao que este (aparentemente) codifica; especificamente a substância fônica e o nível de estrutura que podem ser representados. E isso nem sempre se dá de maneira direta.*” (LASS, 2000, p. 45)

O autor discute a interpretação fonética e fonológica de formas escritas em línguas relativamente antigas. Cita as línguas grega, latina e francesa, das quais toma-se o fonema /p/ como uma mesma representação sonora. Não havendo registros sonoros ou acesso a falantes para afirmar a equivalência do fonema, torna-se necessária a reconstrução de estágios anteriores, de bases fonológicas tomando o registro escrito como ponto de partida. O autor indaga como solucionar a questão de que (p) seja o mesmo em *pater* (Latim), *pater* (Grego) e *père* (Francês) ?

Como saber se o som representa a fala? O autor demonstra que o sistema alfabético (utilizado no inglês e no português) mapeia cadeias de fonemas em uma relação de um-para-um em cadeias de caracteres ou grafemas, como o visto a seguir:

¹⁸ Tradução nossa: “the past usefully exists only through operations we in present perform on its apparent relics to make them interpretable as the past”.

Phonemic	/k	æ	t/	/s	k	I	p/
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
Graphemic	<c	a	t>	<s	k	i	p>

(LASS, 2000, p.47)

Se tratarmos das palavras *gato* e *pulo* da língua portuguesa, confirmamos a mesma correspondência atestada no exemplo de sistema alfabético trazido por Lass:

Representação Fônemica	/g	a	t	u/	/p	u	l	u /
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
Representação Grafêmica	<g	a	t	o>	<p	u	l	o>

Já nas palavras seguintes, *chácara* e *xícara*, podemos constatar que um fonema pode ser representado por mais de um grafema: tanto o dígrafo **ch** quanto a letra **x** são utilizados para representar □).

Representação Fônemica	/ʃ	á	c	r	a/	/ʃ	í	c	r	a/		
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓		
Representação Grafêmica	< ch	á	c	a	r	a>	< x	í	c	a	r	a>

Na língua inglesa temos fonemas distintos que podem ser escritos da mesma forma. Nas palavras *think* e *though*, o dígrafo **th** pode representar dois fonemas diferentes, θ e ð.

Representação Fônemica	/θ	i	n	k/	/ð	o	u	/
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
Representação Grafêmica	<th	i	n	k>	<th	o	u	gh>

Como vemos aqui, tanto em inglês quanto em português, embora a violação de linearidade entre pronúncia e escrita não seja significativa, constata-se que a ortografia alfabética contém um certo grau de violação dessa linearidade. Há um tipo de violação bastante peculiar: a de representações nas quais o grafema assume função diacrítica. Conhecemos, das representações fonéticas, o diacrítico como uma marca acrescentada a um símbolo para alterar seu valor fonético

(CRYSTAL, 2000, p.80). Lass atesta o fato de que, na língua inglesa, o *e* final em algumas palavras pode ter função diacrítica, trazendo os exemplos *rat* em oposição a *rate* e *rag* oposto à *rage*.

Representação Fônemica	/ r æ t /	/ r eI t /
	↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓
Representação Grafêmica	<r a t>	<r a t e>
Representação Fônemica	/ r æ g /	/ r eI dʒ /
	↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓
Representação Grafêmica	<r a g>	<r a g e>

Para o autor, o *e* final não representa um segmento, mas sim um diacrítico para a interpretação de um ou mais grafemas à sua esquerda. O estudioso conclui que este [e] final no inglês normalmente indica que grafemas vogais à sua esquerda não devem ser lidos como vogais curtas (como o [æ] em *rat*, por exemplo), mas como uma vogal longa ou ditongo (como em *rate*). Podemos dizer que o [e] como diacrítico representa, em *rage*, que os seus elementos à esquerda devem ser concebidos da seguinte forma: o grafema *a* presente tanto em *rate* como em *rage* deve ser produzido fonologicamente como ditongo oral crescente [eI] não como a vogal média-baixa anterior [æ] presente em *rag*; o grafema *g* como africada alveopalatal vozeada [dʒ] e não como oclusiva velar vozeada [g]. Vemos que a produção sonora dos grafemas se dá através da identificação da função diacrítica desse [e] final.

Nesse sentido, vemos que as línguas podem utilizar, além de símbolos como diacríticos para a produção sonora de grafemas, outros grafemas para indicar algum valor específico de um fonema. Conforme afirma Lass: “*Tipicamente, eles [os alfabetos] representam um nível mais superficial, porém podem também representar níveis mais profundos.*” (LASS, 2000, p. 50)

Sabemos, além disso, que a ambigüidade possivelmente trazida por sistemas gráficos afabéticos e suas imperfeições podem ser resolvidas através da sintaxe e do contexto no qual as palavras estão inseridas, pois a escrita normalmente é produzida por falantes nativos do idioma. No inglês antigo (Old English) há contraste entre vogais curtas e longas, mas não há indicação de sua duração. A sequência grafemática *god* registra seu significado como *God* [god](Deus) e

também *good* [go:d] (bom, bondade). Não havendo essa indicação, como podemos afirmar o que a sequência escrita [god] pode significar (*good* [go:d] ou *God* [god])? Segundo exemplos do autor, ao acompanhar *man* na frase “as virtudes de um bom homem” (*virtues of a [god] man*), a palavra adjetiva o homem, definindo seu significado como “bom”. Já em outro contexto, refere-se a Deus em “Deus pai” (*[god] the Father*). A sintaxe e o significado podem facilitar a compreensão dentro de um determinado contexto.

Vemos esse fenômeno também no inglês moderno. A frase *You read a book* pode trazer ambiguidade, já que a forma escrita do presente do verbo ler, *read*, é a mesma do passado *read*, diferindo apenas na pronúncia: na forma do presente ou do infinitivo, pronuncia-se [ri:d], já no passado, temos [red]. Como ambas as formas raramente vêm descontextualizadas, o problema acaba por dirimir-se.

Para citar um sistema que, segundo o autor, “*se aproxima do limite da imperfeição*”, temos o caso do cipriota (uma variante do Grego utilizada do século VI a III A.C.). O cipriota contém um silabário composto por grafemas CV, por exemplo [a], [i], [ma], [mi], [pa], [pi], etc. Como outras variantes do grego, o cipriota tem alongamento vocálico, o que não é representado graficamente. Como no inglês antigo, as representações vocálicas escritas podiam representar tanto fonemas vocálicos longos quanto curtos.

Além disso, no cipriota há um grupo básico de símbolos para cada série de oclusivas, por exemplo [ka,ki...], [pa, pi...], e cada série podia representar três oclusivas: surdas, sonoras e aspiradas. Então, [ka] poderia representar [ka, ga, kha]. Também não havia nenhuma indicação gráfica para clusters consonantais ou consoantes em final de palavra. A palavra grega [anthro:pos], por exemplo, era representada em cipriota como [a-to-ro-po-se]. As vogais em [-to-] e [-se-] não seriam produzidas na fala, e a nasal [-nth-] não é representada. Como confiar na relação entre possíveis grafemas e fonemas apresentada neste sistema gráfico?

Lass (2000) afirma que se o fato fosse extremamente “disfuncional”, não teria sobrevivido por tanto tempo. Quando a língua perpetua e realiza sua transmissão através das épocas, conclui-se que os contrastes e elementos representados estavam sim, na língua mais antiga. Necessitam-se evidências tanto “hereditárias” como “comparativas” das línguas.

Vemos, conforme exemplo trazido pelo autor, um inventário de palavras do inglês antigo e do inglês moderno:

A	B
writan ‘to write’	written ‘written’
metan ‘to meet’	settan ‘to set’
hælan ‘to heal’	ræt ‘rat’
hus ‘house’	bucca ‘buck’
fod ‘food’	god ‘god’
ban ‘bone’	catte ‘cat’

(LASS, 2000, p. 52),

As formas em A são trazidas em dicionários do inglês antigo com vogais longas. No inglês moderno, temos esses fonemas produzidos como vogais curtas (produção que não é indicada graficamente). As formas produzidas com vogais longas do inglês antigo vieram ao inglês tanto com vogais longas (meet – [mi:t]) ou ditongos (write – [raIt]), já o restante veio com vogais curtas (set – [set], written – [ritn]).

Baseados em Lass, acreditamos que através de inferências baseadas em nosso conhecimento linguístico da língua portuguesa brasileira, evidências metalinguísticas como gramáticas antigas e considerações históricas acerca da evolução da língua possamos investigar possíveis variantes fonológicas do português falado no Rio Grande do Sul no século XIX, fazendo uso dessas possibilidades de exame da escrita presente em jornais.

Veremos na próxima seção, a exposição de alguns trabalhos realizados acerca da história do português brasileiro.

2.5 Investigações sobre a História da Língua Portuguesa no Brasil

Vimos que antigamente os estudos linguísticos faziam o uso da escrita como objeto de estudo para descrever e explicar a língua e sua evolução ao longo do tempo. No Brasil, as abordagens da língua portuguesa tiveram seu início através das descrições feitas em gramáticas, como a do Padre José de Anchieta para catequizar os índios no período quinhentista. No decorrer da história da língua portuguesa no Brasil, vemos posteriormente o surgimento de gramáticas normativas que prescreviam como a língua deveria ser utilizada.

A partir de 1950, surgem gramáticas descritivas do português brasileiro, originadas através das descrições de atlas linguísticos, como o de Antenor Nascente. Até a década de sessenta, os estudos de linguística histórica no Brasil eram feitos através da filologia. Eram trabalhos sobre a

história do português, gramáticas históricas e edições críticas de textos arcaicos. Destacaram-se pesquisadores como João Ribeiro, Said Ali, Theodoro Maurer Jr., Serafim da Silva Neto, Joaquim Mattoso Câmara Jr., entre outros. Realizavam-se principalmente estudos de crítica textual, incluindo também estudos diacrônicos do português.

Devido à tendência de centralização dos estudos linguísticos na fala, muito da escrita como objeto de estudo ficou relegado ao campo da filologia. Megale & Cambraia (1999), revisam estudos filológicos do português na década de trinta, mencionam a obra *Estudos Filológicos* (1939), de Antenor Nascentes, o artigo *Filologia* (1949), de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e *A Filologia Portuguesa no Brasil (1939-1948)* de Serafim da Silva Neto (1951).

Em 1958, Francisco da Silveira Bueno publicou *A Formação Histórica da Língua Portuguesa*. Já nos anos sessenta, Sílvio Elia nos trouxe a obra *Ensaio de Filologia* (1963), destacando – se o ensaio *Os Estudos Filológicos no Brasil*.

Os linguistas nunca deixaram de afirmar a importância do aspecto histórico das línguas. Dentre estes, destacamos Maurer Jr. que concebeu a linguística composta em dois setores: a linguística descritiva (sincrônica) e a linguística histórica (diacrônica). Segundo o autor, a LH “constitui um complemento imprescindível para que essa ciência seja completa, pois interpreta e explica os fatos que a primeira (sincronia) colige.” (MAURER JR., 1967, p. 40).

Também Borba, no artigo *Esboço de Fonologia Diacrônica*, nos coloca a língua como um produto histórico, uma instituição social vinculada à sua história. Além disso, nos traz questões metodológicas acerca dos recortes sincrônicos, da observação e seleção de dados. Para o autor, após escolher o nível de língua, o pesquisador deve constituir o *corpus* para reconstruir os estados anteriores da língua. Para o corpus, o autor nos diz que a seleção de dados inclui descobrir a natureza do texto, sua autenticidade e consistência interna, sua relação com o som físico e o conhecimento histórico acerca da língua. (BORBA, 1973, p. 251). No estudo do autor foram realizados quatro recortes sincrônicos no tempo, utilizando textos de latim clássico, latim vulgar, português arcaico e português moderno.

Estudos históricos descrevem a língua e podem apontar tendências ou fenômenos ocorrentes em determinados estados de língua. Em 1973, Anthony Julius Naro publicou *Estudos Diacrônicos*, obra na qual trouxe o estudo da história do *o* e do *e* no português. No estudo citado, realizado através de evidências metalinguísticas (gramáticas e descrições do português antigo) e formalização de regras fonológicas sincrônicas, o autor mostrou que o português do século XVI

tinha “ *variantes ligeiramente levantadas do – e e do –o em posição final, mas que essas variantes não podiam estar igualadas às realizações portuguesas [i] e [u]*”. (NARO, 1973, p. 42). Após, afirma a mudança do *-e* final para *i* no português de Portugal em meados entre os séculos XVII e XVIII e, comparando os dialetos do brasileiro e português, afirma uma tendência para vogais mais altas no português brasileiro.

Já em 1976, o mesmo autor publicou a coletânea *Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil*. Nela, o artigo de Naro apresenta um balanço dos estudos filológicos já realizados no país. Além disso, temos na coletânea os estudos realizados por Eugenio Coseriu e Joaquim Mattoso Câmara Jr.

A preocupação filológica desses linguistas nos confirma o texto escrito como uma fonte válida de estudo linguístico para inferências acerca da constituição de língua através de sua história. Não seria possível delimitarmos um *corpus* escrito sem uma área da linguística que privilegiasse a preservação e interpretação do registro escrito.

Além de estudos filológicos e descritivos da língua portuguesa, torna-se relevante considerar a existência de estudos diacrônicos da LP. Os estudos diacrônicos no Brasil tiveram inicialmente um enfoque sobre os fenômenos sintáticos da língua portuguesa. Nesses estudos, realiza-se a análise sintática e o porquê da mudança linguística, qual o desencadeador que dá origem ao processo que seguirá seu curso, alcançando uma conclusão em algum momento da história da língua. Utiliza-se a metodologia variacionista (“*emprestando seus artefatos estatísticos*”) e a metodologia gerativista (a “ *‘teoria forte’ para deslindar as variáveis estruturais dependentes que deverão ser consideradas na análise da variável*”) (Mattos e Silva, 1995, p. 1448).

Tarallo (1983), realiza um estudo quantitativo de sintaxe também com base diacrônica. Analisa os pronomes relativos e suas ocorrências nas orações relativas no português brasileiro, fenômenos denominados por ele de *relativização* e *pronominalização*. Os fenômenos são analisados sincronicamente (através de documentários, entrevistas, discussões e novelas) e diacronicamente através de cartas e textos. Com dados diacrônicos (cartas e textos de 1725), cobre um período de 200 anos, divididos em 4 intervalos de 50 anos. Ao analisar os dados sincrônicos com as ocorrências pronominais analisadas nos dados diacrônicos, Tarallo demonstra que os processos anafóricos que ocorrem em orações principais sugerem predições sobre qual estratégia específica de relativização o falante utiliza em determinados contextos. Mostra,

também, que alguns pronomes continuam a ser utilizados da mesma forma no português brasileiro, já outros modificam seu uso, o seu lugar na oração. Em seu estudo diacrônico sobre as orações relativas no português brasileiro, o autor mostra, sob a luz da teoria variacionista e do gerativismo, duas estratégias de relativização: a do pronome relativo e a do pronome resumptivo. Traz a ocorrência de “relativas cortadoras” para objeto direto como estratégia inovadora no PB. Os fenômenos são analisados sincronicamente (através de documentários, entrevistas, discussões e novelas) e diacronicamente (cartas e textos de 1725). O autor se utiliza do presente para explicar o passado e também do passado para explicar o presente, unindo sincronia e diacronia. Afirma:

“The diachronic analysis also necessarily took the path of quantitative work, since the transition from one state to another is not so clear-cut and conditioning factors to the actuation of one syntactic rule may be effective in the past as well as in the present.” (TARALLO, 1983, p. 66)

Além do estudo de Tarallo, Roberts & Kato (1996) trouxeram a coletânea de artigos “Português Brasileiro – uma viagem diacrônica”, na qual publicam-se diversos estudos abordando origens e mudanças acerca de fenômenos sintáticos na língua portuguesa.

Reunindo aspectos filológicos, diacrônicos e históricos, destaca-se no Brasil a pesquisadora Rosa Virgínia Mattos e Silva e suas obras: “Reencontro da Filologia e da Linguística nos Estudos Diacrônicos” (1983), “Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Linguística Histórica no Brasil” (1988) e “Linguística Histórica e Filologia hoje: redefinindo fronteiras” (1993), artigos como “Orientações Atuais da Linguística Histórica Brasileira” (1999) e “Como se estruturou a língua portuguesa – perspectiva histórica da fonologia e morfologia portuguesa” e mais recentemente o livro “Caminhos da Linguística Histórica.: ouvir o inaudível” (2010).

2.5.1 Estudos Históricos Atuais do Português Brasileiro

Há em nosso país alguns grupos de pesquisadores que se dedicam aos estudos linguísticos históricos concentrados em projetos como o coletivo nacional “Projeto para a história do português brasileiro” (PHPB), criado em 1997 por Ataliba Teixeira de Castilho e programas como o “Programa para a história da língua portuguesa” (Prohpor), da Universidade Federal da Bahia. O PHPB aborda três campos de atividades: estudos sobre mudança gramatical, estudos sobre história social linguística e organização de *corpora*. Em 2010, mantendo as três bases

iniciais, adicionam-se os seguintes grupos de trabalhos: fonologia diacrônica, lexicologia e diacronia dos gêneros textuais. O projeto já apresentou o material desenvolvido em seus seminários em oito volumes. Citaremos aqui os estudos de Monaretto (2005), Da Hora, Da Hora & Telles, Battisti, Magalhães e Massini-Cagliari (2010), entre outros que tratam de possíveis variáveis fonológicas.

Tratando-se da mudança do som através do registro escrito em textos antigos, Monaretto (2005) trabalha com a escrita como fonte de estudo para a mudança sonora. A autora examinou cartas oficiais e anúncios de jornais brasileiros dos séculos XVIII e XIX. Nesta pesquisa, construiu uma tipologia composta por dezesseis tipos de alterações na grafia. Quatro destas alterações não foram consideradas significativas, como a representação múltipla de fonemas (*doiz* por *dois*) e o ditongo nasal –ão (*estimão* por *estimam*). O restante foi reagrupado em oito tipos: (a) a tonicidade vocálica: elevação (*fonti*) e harmonia (*ligítimo*); (b) substituição segmental: entre lateral e glide em coda (*auguns*), entre líquidas em grupo consonantal (*simpres*, *plazer*); (c) omissão de segmentos: no ataque (*poblema*), no núcleo (*suprior*), na coda (*meno*, *ropa*); (d) epêntese: ditongação (*fais*), inserção de segmento (*adequerir*); (e) metátase (*perciso*); (f) grupos consonantais impróprios: *assignatura*; (g) alteração da palavra com clíticos: proclíticos (*isocompanheiros*), segmentação (*tam bem*, por *também*); (h) outros: *meos*, *doiz autos*. Baseamos na tipologia de alterações gráficas desse estudo para nossa classificação de possíveis variáveis fonológicas, visto posteriormente.

Contribuindo para os estudos de fonologia diacrônica, Da Hora *et al.* (2007) analisam a metátese como fenômeno fonológico variável no português brasileiro através da análise de manuscritos dos séculos XVII a XXI e refletem sobre a ocorrência da metátese à luz de Blevins e Garrett (1998; 2004) e Hume (2001; 2004; 2007). O estudo afirma que a metátese tomada sincronicamente (padrão e não-padrão) decorre ou da variade não-padrão ou de mudanças já implementadas (lexicalizadas) na língua. Conclui:

“o fenômeno da metátese no processo evolutivo do PB, pelo menos considerando variedades em uso na região Nordeste do Brasil, não se restringia entre os séculos XVII-XIX a variedades menos cultas, e não correspondia a “erros/lapsos” de fala. Assim, também, se desfaz a idéia, alternativa a do erro, de que a metátese resulta de processo de mudança diacrônica estritamente localizado em alguns itens do léxico, tal como em “semper” que passou a “sempre”, no português padrão.” (DA HORA et al., 2007, p. 195).

Tratando-se de mudança fônica, o mesmo autor nos apresenta os modelos teóricos centrais do conhecimento linguístico (proposta neogramática, estruturalismo-funcionalismo, gerativismo e sociolinguística) demonstrando como a inovação fonológica é abordada em cada um dos modelos. Verificamos, em sua obra de 2010, pesquisas a serem realizadas para a contribuição da história do português brasileiro. Da Hora analisa a metátese com Telles em mais um estudo de descrição e análise da metátese no português brasileiro. Utilizam-se de dados históricos em fontes manuscritas do português padrão¹⁹ e não-padrão²⁰ e de dados sincrônicos em ambas as variedades. Observa-se nesse estudo que a ocorrência do fenômeno pode ser mapeada com a verificação do estágio de mudança dos dados históricos e do uso de restrições sociais. O fenômeno é relativamente frequente em todas as fontes diacrônicas, mas é restrito nos dados sincrônicos da fala padrão, aparecendo apenas com bastante frequência na fala não-padrão do português brasileiro. (DA HORA & TELLES, 2010, p. 65).

Na mesma coletânea, Battisti (2010) baseia-se na classificação de Monaretto (2005) para a análise de palavra com clítico. A autora explora documentos e verifica tendências, realizando a análise de cartas pessoais e outros documentos escritos nos séculos XVIII e XIX para levantar agrupamentos que chama de “clítico-hospedeiro ou hipossegmentações”, verificar a percepção do clítico e levantar hipóteses baseadas em princípios prosódicos. Conclui:

“a hipossegmentação está relacionada ao hospedeiro: sua natureza, número de sílabas, posição do acento. Nos agrupamentos, está envolvida a menor percepção dos clíticos, por sua vez ligada a exigências de minimalidade prosódica. A análise feita requeria comparação com resultados de estudos de outros períodos para de fato adquirir estatuto diacrônico (...).” (BATTISTI, 2010, p. 79).

Monaretto (2010) propõe fazer um estudo de investigação histórica da presença ou ausência da primeira consoante das sequências de obstruintes no interior de palavras. O estudo é feito por meio do exame de textos escritos do português anteriores ao século XX, analisando o estudo dessa regra variável sob a teoria laboviana em recortes sincrônicos da fala.²¹

Já Magalhães (2010) deseja fazer um panorama histórico do subsistema vocálico pretônico do português brasileiro. O estudo é feito através da análise de cartas pessoais e documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX. O autor traz à tona fenômenos como o abaixamento da vogal

¹⁹ Em FONSECA (2003) *apud* DA HORA & TELLES (2010).

²⁰ Em OLIVEIRA (2006) *apud* DA HORA & TELLES (2010).

²¹ Baseia-se em (Collischonn, 2000) *apud* MONARETTO (2010).

alta e o alçamento da vogal média em cartas pessoais do séc. XVII. O estudo ainda não foi concluído.

Massini-Cagliari (2010) propõe analisar o acento em português de forma diacrônica, verificando as origens do acento (baseando-se no latim), os padrões de acentuação possíveis nos séculos XVIII e XIX (através de evidências metalinguísticas da época) e relaciona o posicionamento do acento à métrica poética. A autora já realizou estudos sobre o acento do português arcaico valendo-se das rimas da poesia medieval em sua Tese de Doutorado intitulada “Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em português” (1994).

Utilizando-se de *corpus* escrito para análise de comportamento linguístico, Klebson Oliveira (2005) realizou, em sua tese de doutorado, um estudo filológico, sócio-histórico e linguístico utilizando como *corpus* a produção escrita por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX. Esta produção foi preservada por uma irmandade negra denominada Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 1832. Desse acervo, escolheram-se 290 textos, principalmente atas. Neste estudo, segundo o autor, analisaram-se, por terem pouca ou nenhuma atenção em perspectiva histórica nos estudos sobre o português brasileiro, os seguintes aspectos: segmentação gráfica, um traço da aquisição da escrita – grafias para sílabas complexas, fenômenos gráficos e marcas da oralidade na escrita no plano da fonética/fonologia. Acerca destes fenômenos, o autor conclui que a elevação de vogais médias, sobretudo em sílabas pretônicas e em monossílabos, as apóopes, principalmente do /R/, o abaixamento de vogais altas, as reduções de ditongos e as ditongações experimentaram índices muitos altos nos documentos analisados. Além disso, muitos dos fenômenos fônicos que se assinalam no português brasileiro atual já contavam com representações no século XIX. Ao comparar com trabalhos sincrônicos da contemporaneidade manifestou que, às vezes, até encontram réplicas quanto aos contextos linguístico-estruturais. (OLIVEIRA, 2005, p. 451)

Também no estudo de Fonte (2010), a comparação com aspectos sincrônicos atuais demonstra representações já existentes no passado. A autora realizou um estudo das vogais pretônicas do português arcaico a partir da análise das rimas e da grafia das Cantigas de Santa Maria, um cancionero de Afonso X, o Sábio. Na pesquisa, foram considerados os casos de variação gráfica entre <e> e <i>, e entre <o> e <u>, identificados nas cantigas. Constatou-se que muitos dos contextos fonológicos responsáveis pelo levantamento de vogal pretônica, em

algumas variedades do português brasileiro atual, também influenciavam o acento dessa vogal no português do século XIII.

Em do observado, desejamos contribuir com os estudos linguístico-históricos de língua portuguesa através de nossa pesquisa. Esperamos que, através de nossa metodologia, seja possível a obtenção de *dados bons* através da seleção de dados escritos com possível valor fonológico. Assim, conseguiremos identificar variáveis já atestadas no português brasileiro atual também em seu estado de língua no século XIX.

3 METODOLOGIA

A pesquisa sobre o passado de uma língua pode ser realizada, conforme vimos no primeiro capítulo, por meio de duas maneiras: uma descrição sincrônica, em que se observa um determinado estado de língua ou através de uma descrição diacrônica, em que se observa a sucessão de um estágio a outro de língua no tempo.

Nosso estudo apresenta um caráter mais histórico do que diacrônico, pois, em nosso entender, o estudo diacrônico descreve a língua e suas mudanças ao longo de sua história. A presente pesquisa tem como base identificar possíveis evidências de como a língua era utilizada em determinada época, confrontando-a com seu estágio atual.

Para tanto, esboçaremos nosso objeto de análise e como procederemos para levantar possíveis variáveis fonológicas em nossa amostra composta por jornais gaúchos do século XIX. Nossa pesquisa toma como ponto de partida a noção de variável linguística nos termos de Weinreich, Labov e Herzog, que a definem como meios alternativos de dizer a mesma coisa (WEINREICH *et al*, 2006, p. 97). Nossa análise considera variáveis já identificadas como tais em estudos sincrônicos do português brasileiro, ou seja, consideramos casos alternativos de realização de /o/ pretônico, por exemplo, registrados graficamente com a letra *u* como uma variante de uma variável fonológica.

Desse modo formas variantes obtidas por meio de certa representação escrita são tratadas neste trabalho como parte de variáveis fonológicas. O trabalho de análise que proporemos baseia-se no levantamento de formas grafadas que representem possível oralidade. Nossa metodologia segue a proposta de Lass (2000), que afirma a disponibilidade de três fontes de informação para o estudo da escrita, vistas a seguir.

(1) Fontes de informação principal para interpretação gráfica (LASS, 2000, p. 46)

(a) **evidência descritiva direta** – é a consulta de *evidências metalinguísticas e literárias* acerca da língua (dicionários, glossários e gramáticas, textos literários);

(b) **nosso conhecimento acerca de tradições escritas particulares e suas relações** - é a verificação de representações precisas de sistemas de línguas conforme sua constituição histórica.

(c) **estratégias complexas de inferência baseadas em vários tipos de considerações históricas** – é a verificação da existência de registros de dialetos, descrições do estado de língua em atlas linguísticos, textos literários, cartas e outros.

É importante ressaltar que, em muitas épocas, a escrita era exclusiva de escribas, copistas e em dialetos específicos. Por isso, Lass sugere a pesquisa por evidências metalingüísticas. Para isso, julga pertinente a consulta de dicionários e gramáticas existentes na época do registro escrito analisado. No caso do inglês, cita a gramática de John Hart, *Orthographie (1569)*, na qual Hart faz uma descrição da pronúncia das vogais e aponta, pela primeira vez, o contraste entre /θ/ e /ð/ na língua inglesa.

Além de evidência metalingüística, o uso de evidências literárias traz a utilização da rima em poesia como fonte de registro escrito para estudar a fala. Afirma que certos fenômenos em verso podem ser fontes em potencial acerca do estado subjacente de uma língua, conforme o trecho:

*“Meekly upon the grass, as those whose sobbings
Were heard of more beside the mournful robins”*

(THORPE, 1935, p. 77 *apud* LASS, 2000, p.74)

Neste exemplo, vemos que a rima de “sobbings” com “robins” sugere que a pronúncia do “ing” apresentava uma característica alveolar como em “ins” e não velar, como se esperaria na ortografia. A variação da pronúncia de “ing” como alveolar ou velar (“ins”) é um comportamento variável atestado na língua inglesa atual.

Acerca da relação entre letras e sons de língua, Lass exemplifica esse conhecimento através da análise das letras <p> e . Conforme sua consulta a evidências metalingüísticas, o autor afirma que esses sons já eram representados por grafemas considerados pelos gramáticos romanos antigos como oclusivos *labiales*. As tradições subsequentes, oriundas da língua latina, herdaram essa relação acerca das oclusivas bilabiais. Por exemplo, na língua portuguesa, a letra <p> continua representando o fonema /p/. É de suma importância o conhecimento dos sistemas de escrita e como se dá sua relação com a fala. Este conhecimento também abrange considerar a

classe a que pertence uma palavra e a verificação do contexto sintático a fim de dirimir ambiguidades.

Lass também aponta o problema da tradução de muitos textos bilíngues escritos em línguas mortas. Como a língua escrita também possui um léxico especializado contendo palavras como termos técnicos e nomes de plantas, por exemplo.

Os problemas de tradução podem ocorrer por lacunas no conhecimento do escriba ou tradutor na língua original do registro escrito. O autor cita o caso da palavra do inglês antigo *stangella*, que, em alguns dicionários aparece como entrada lexical para “pelicano” e, em outros, “o passáro, cujo ruído pode ser ouvido entre as rochas”. Através da análise de outras fontes escritas utilizados para pelicano, Lass concluiu que a palavra *stangella* na verdade denominava outro passáro chamado *kestrel* (no inglês).

O estudioso afirma que a ortografia sugere processos fonológicos. Porém, podem ocorrer equívocos acerca de dados escritos que apresentem somente variação gráfica (forma diferente de escrita de uma palavra) da variação gráfica significativamente fonológica (quando a forma escrita de uma palavra pode refletir a sua pronúncia.).

Para diferenciar tais formas escritas, o autor sugere uma taxonomia para desvios de escrita conforme segue:

(2) Taxonomia para desvios de escrita, segundo Lass

- a) **Lixo/Garbage** – são aquelas formas de escrita tão ruins de interpretar que não podem ser outra coisa a não ser *lapsus calami*. Do inglês, Lass nos traz a palavra *vliges* trazida de um diário de 1820, na qual a interpretação correta é *villages*. São os erros ortográficos visíveis a olho nu, por exemplo, a troca de grafemas, como a escrita *fazenad* em vez de *fazenda*.
- b) **Varição puramente gráfica/Purely graphic variation** - são as formas de escrita resultantes de uma tradição escrita, por exemplo ocorrências de escrita que já fossem prescritas por regras existentes na escrita da época. Lass afirma que em textos do inglês antigo, a variação entre as letras <P> e <ð> não traz nenhuma referência fonológica, vinda de uma tradição de escrita. No caso do português brasileiro, temos a variação decorrente da duplicação de grafemas,

como *attendidos* em vez de *atendidos*, e a utilização de *ph* em *pharmacia*, como exemplo de palavras pertencentes à tradição escrita da época de um estágio de língua passado.

- c) **Grafia significativamente fonológica/ Phonologically significant spellings** – é grafia que pode expressar processos fonológicos, tornando-se a informação relevante para nossa pesquisa. Lass nos traz dos diários de Goldswain (1820) ocorrências do inglês médio que sugerem o som /ɛ/ (ex: *deack*, *deck* para ‘deck’), com algumas grafias que sugerem vogais mais baixas como /æ/ ou /a/ (*dack*). Ao pesquisar em materiais sobre os dialetos do inglês do sul da Inglaterra, foram constatados vários itens que mostram a ocorrência de velares antes de /a/ em dialetos nos quais se esperava a ocorrência de /ɛ/, o que torna o abaixamento possível. O autor cita outros casos como o apagamento de vogais átonas e simplificação coda-custer (por exemplo *scole* para ‘scold’). Da língua portuguesa, encontramos exemplos de apagamento de vogal átona postônica registrados na escrita, como *binóc’lo* e *chíc’ra*.

Ao conhecermos o estado de língua atual e reconhecermos que as violações da relação entre escrita e fala não são tão disfuncionais a ponto de sobreviverem por tanto tempo, podemos inferir quais realizações são possíveis em nossa fala. Acreditamos, porém, que ao basearmos-nos na taxonomia de Lass, a análise de dados escritos exige que tenhamos um filtro ativo a fim de se evitar equívocos acerca das formas de escrita e sua provável pronúncia. Conforme Schneider (2002) o texto escrito é uma espécie de **filtro**, pois representa o ato de fala supostamente ouvido. O linguista deve remover esse filtro para tentar reconstruir, analisando o que pode ou não ser previsível para representar a fala.

Acreditamos que, através do proposto por Lass, é possível obtermos dados mais confiáveis de fala através da escrita, estreitando a relação grafemático-fonética. Para isso, buscamos como evidências descritivas diretas jornais gaúchos do século XIX e doutrinamos nossa leitura durante a coleta de dados a fim de tomarmos o texto como o *filtro* conforme Schneider (2002) e selecionarmos as formas escritas encontradas nos jornais de nosso *corpus* diferenciando o lixo, a variação puramente gráfica e a variação ortográfica com valor fonológico significativo. A seguir, exporemos nosso *corpus*.

3.1 *Corpus*

Para evidências descritivas diretas de um estado de língua portuguesa longínquo no tempo, buscamos os registros escritos existentes nos acervos de museus e arquivos históricos de Porto Alegre. Verificamos que a maior parte dos documentos existentes é de caráter administrativo e legislativo, como atas, decretos e outros documentos jurídicos. Estes documentos, por apresentarem uma linguagem escrita mais formal e em formato específico estão menos sujeitos a terem traços de oralidade e lapsos de escrita. Por isso, não foram contemplados em nossa pesquisa, assim como documentos manuscritos (como cartas de personalidades administrativas), pela dificuldade de leitura. A dificuldade de interpretação de dados manuscritos para nosso tempo de pesquisa nos fez deixar estes documentos para uma pesquisa posterior a este trabalho.

Registros escritos, anteriores ao século XIX, que pudessem nos dar a consistência de um *corpus* para pesquisa não foram encontrados nos Arquivos Históricos de Porto Alegre. O documento mais antigo existente é uma carta manuscrita datada nos anos de 1700 conforme atesta o Arquivo Histórico Moysés Vellinho. Escolhemos jornais como um tipo textual que pudesse abrigar dados impressos e escrita não necessariamente formal e padronizada de documentos administrativos e legislativos. O jornal, como texto destinado à população, nos traz mais possibilidades de análise da escrita. Constatamos que um exemplar de jornal pode trazer cartas (administrativas ou de leitores), notícias, textos sensacionalistas, anúncios, etc. Presumimos que a variabilidade de gêneros textuais contidos em um jornal possa nos trazer uma variação maior na escrita, o que nos aproxima da possível variação da fala da época.

3.1.1 **Jornais Publicados no RS no Século XIX**

O jornal, como documento de imprensa, acompanha seus eventos históricos. Sodré (1983) nos traz considerações históricas da imprensa, revelando que a publicação e circulação de textos foi muito restrita até 1600, devido às censuras impostas por governos e pela igreja, no período que compreende a Inquisição. O controle da imprensa passou por períodos de maior ou menor censura, ao longo do tempo, o que influenciou em sua produção e publicação no Brasil, ocorrendo ainda mais tardiamente, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da

tipografia da Imprensa Régia. Havia ainda a censura prévia, exercida pelo poder civil (Ordinário e Desembargo do Paço) e pelo eclesial (Santo Ofício) dos portugueses. (MARTINS & DE LUCA, 2008, p.23).

A linguagem do texto jornalístico do nosso tempo, hoje sujeita à normatização vigente, pode ser descrita como *uma linguagem elevada e inacessível ao grande público* (MELO *apud* ERBOLATO, 1978, p.23), diferenciando-se da linguagem do rádio e da televisão. O autor nos lembra que

[...] a imprensa, o rádio e a televisão criam a incomunicação, pois o cidadão se inteira facilmente do que se passa em nações distantes, mas permanece alheio ao que ocorre em sua cidade e nas suas vizinhanças, porque os veículos de comunicação de massa, com a tendência ou simples ambição de se tornarem regionais ou nacionais, vão abandonando as informações locais, por considerá-las sem interesse para a maioria e passam a difundir as que se referem a lugares longínquos. (DE GREGORIO *apud* ERBOLATO, 1978, p.19)

Porém em jornais antigos, como os produzidos no Rio Grande do Sul no século XIX, vemos muitas notícias com um teor mais sensacionalista, centrando a informação veiculada muitas vezes ao caráter regional e também local. Alguns dos jornais pesquisados apresentavam notícias relacionadas à vida local de seus leitores. Muitos deles eram inclusive produzidos por pessoas da população. O jornal abolicionista *A Voz do Escravo* foi fundado por um carpinteiro, um comerciante, um confeitiro e um vigário. Embora a linguagem escrita dos jornais seguisse um padrão, esta não estava sujeita a nenhuma reforma ou acordo ortográfico. O primeiro acordo ortográfico foi sugerido por Gonçalves Viana somente após o ano de 1900.

Constatamos a existência de hemerotecas em dois acervos pesquisados: os acervos do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa e do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho (AHPAMV)²²

A hemeroteca do Museu de Comunicação é composta por cerca de 170 títulos de jornais gaúchos produzidos no século XIX. Nossa consulta ao museu nos permitiu verificar que, apesar da grande variabilidade de títulos, alguns dos jornais apresentam exemplar unitário, como o jornal *A Atalaia do Sul*, de 1864, proveniente da cidade de Jaguarão. Já do jornal *Amigo do*

²² O Museu de Comunicação Hipólito José da Costa situa-se na Rua dos Andradas, 959, no centro de Porto Alegre. O Arquivo Histórico Moyses Vellinho localiza-se na Avenida Bento Gonçalves, 1129, no bairro Partenon em Porto Alegre.

Homem e da Pátria, produzido em 1829 em Porto Alegre, somamos 125 exemplares em nossa contagem manual. Muitos dos jornais do Museu de Comunicação encontram-se em estado de conservação precário. Não estão devidamente encadernados; apresentam muitas páginas totalmente fora de ordem, rasgadas, furadas, com retalhos feitos a fita adesiva comum e guardados nas prateleiras simplesmente envoltos em um pedaço de papel ofício com uma inscrição a lápis de seu título para identificação. Além disso, há exemplares perdidos ou fora de acesso, o que nem sempre é informado aos pesquisadores.

O acervo do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho (AHPAMV) é composto por documentos arquivísticos (fundos documentais públicos e privados) biblioteca, legislação e hemeroteca. No AHPAMV, os documentos mais antigos encontram-se encadernados, sendo esses dispostos nas prateleiras das estantes de aço, horizontalmente, com o devido cuidado para que o peso seja adequado à manutenção da sua preservação e facilidade de manuseio.

A hemeroteca do Arquivo Histórico Moyses Vellinho é formada por cerca de 40 títulos entre jornais, revistas, almanaques e boletins, suplementos, encartes e jornais avulsos, sendo a maioria deles de edição local, estando encadernados por períodos e preservados na área do acervo. O período compreendido pelos jornais vai de 1835 até a década de 1980, sendo os demais periódicos encontrados desde 1883 e alguns documentos enviados sistematicamente ao arquivo até hoje. A hemeroteca não está completa, existindo algumas lacunas temporais dependendo do periódico devido às doações de números variáveis de publicações. (GEHLEN, 2009, p. 32). Acerca do cuidado no manuseio dos jornais, somos orientados:

Os documentos do Arquivo Histórico são exemplares únicos, cuja fragilidade é proporcional ao seu tempo de vida, ao tipo de papel e às formas de guarda e manuseio. Por isso, cuidados são recomendados para o trato da documentação disponibilizada e para o asseio do ambiente onde a mesma se encontra, e devem ser, por todos, rigorosamente seguidos. Podemos dizer que são os deveres do cidadão no que diz respeito aos documentos públicos.

Devemos tomar todo cuidado para que os documentos não sejam riscados, rasgados ou amassados, bem como evitar que os mesmos sirvam de suporte para qualquer atividade como, por exemplo, escrever ou, simplesmente, apoiar-se sobre eles.

Precisamos ser cautelosos ao folhear encadernações, e também não fazer uso, em hipótese alguma, de saliva para virar páginas, pois além de danificar os documentos, pode ser prejudicial à saúde do consulente.

O local das consultas deve ser um ambiente onde a proliferação de agentes causadores de danos ao patrimônio arquivístico e bibliográfico tenha controle. Por isso, alertamos para que se evite o consumo de alimentos na sala de pesquisas.

Empréstimos não são permitidos. O acervo da Instituição, como já acima explicitado, é formado por documentos únicos. A biblioteca e outros materiais disponibilizados foram constituídos para apoio e complementação das pesquisas efetuadas nos documentos, tendo por isso poucos exemplares de cada unidade. Por esses motivos, todo o material é disponibilizado apenas para consulta local.

A incidência de luz no papel é extremamente danosa porque acelera o seu processo de degradação. Por isso, permite-se apenas a reprodução fotográfica desde que não se utilize o *flash*. (GEHLEN, 2009, p.27-28)

Tomando os cuidados propostos, realizamos nossa pesquisa na hemeroteca do AHPAMV que conta com a catalogação exata dos jornais de seu acervo, tendo muitas vezes uma década de exemplares do mesmo título de jornal. Delimitamos nosso *corpus* aos jornais gaúchos produzidos no século XIX que se encontram disponíveis no Arquivo.

3.1.1.1 Jornais do Arquivo Histórico Moysés Vellinho (AHPAMV)

Como *corpus* de nossa pesquisa, utilizamos jornais gaúchos produzidos a partir do ano de 1835 até 1900. Em nosso quadro a seguir, trouxemos a lista em ordem cronológica baseada na data das publicações disponíveis para nossa pesquisa no arquivo e o número de exemplares analisados:

Título	Ano de publicação	Nº de exemplares
O Mensageiro	(1835- 1836)	18 jornais
O Povo	(1838 – 1840)	17 jornais
O Americano	(1842 – 1843)	13 jornais
Estrella do Sul	(1843)	3 jornais
Jornal do Commercio	(1867 – 1868)	34 jornais
A Voz do Escravo	(1891)	3 jornais
A Gazetinha	(1891-1898)	170 jornais
A Federação	(1892 – 1900)	17 jornais

Quadro 1 – Lista de Jornais Gaúchos do Século XIX do Arquivo Histórico Moysés Vellinho

Totalizamos nossa coleta de dados em 275 exemplares desses jornais, produzidos no Rio Grande do Sul no século XIX, que se encontram no Arquivo Histórico Moysés Vellinho, constatando um total de 154 registros escritos que acreditamos terem referência fonológica. Traremos esses registros em nossa descrição dos resultados. Relatamos a seguir, o contexto sócio-histórico nos quais os jornais circulavam e aspectos acerca de sua diagramação e editoração, relevantes para a análise desses.

Pensamos na realização da análise centrada inicialmente nas sessões de cartas e anúncios, acreditando que nelas a escrita poderia estar mais próxima da fala da época ao apresentarem marcas de informalidade nos textos. Porém, analisando a diagramação e a editoração dos jornais, vimos que nem sempre as cartas e anúncios eram publicados em uma sessão específica dos jornais. Os anúncios vinham, muitas vezes, encaixados no corpo do texto jornalístico (muitas vezes, em posição vertical, contrária à disposição horizontal do texto para leitura), e as sessões restantes não seguiam uma ordem ou hierarquia rigorosa em cada edição. Isso tornou importante a consulta do jornal completo e não somente de sessões específicas para nossa coleta de dados.

No *Jornal do Commercio*, por exemplo, os anúncios são bastante escassos. A maior parte do texto jornalístico relata as atas das reuniões da câmara municipal da época. Mesmo escrita, percebemos que muito da linguagem utilizada era de caráter mais informal, pois as atas eram basicamente descrições da fala dos participantes das reuniões da câmara – o que, nos pareceu, incluir a população quando ao invés de iniciar o parágrafo com o nome dos dirigentes indicando a fala separada por hífen, estava escrito o termo “Uma Voz”.

Os jornais farroupilhas pareceram ser de caráter mais político e formal, com uma ortografia com menos lapsos de escrita, e conseqüentemente, menos reflexos de fenômenos fonológicos atestados. Estes jornais foram A Federação, O Mensageiro, O Americano, Estrella do Sul, e O Povo (dentre os jornais Farroupilhas, um dos mais antigos e também o que mais encontramos lapsos de escrita representativos da fala até então). Dentre os jornais do século XIX, alguns eram de produção popular, não da elite que tinha acesso a uma escolarização que utilizava uma variante de prestígio mais próxima da língua escrita. Vemos a linguagem informal mais refletida na escrita de notícias de teor sensacionalista (informações sobre a população, casos extra-conjugais, abortos, assassinatos, brigas, notas dirigidas, etc.), o que nos trouxe dados para atestar fenômenos de variação fonológica já atestados na sincronia (como elevações vocálicas,

substituições segmentais, dentre outros) e variantes regionais que na escrita normatizada nem sempre aparecem. Nestes critérios, *A Gazetinha* foi o jornal mais analisado por aparentar ser, dentre os jornais, o de cunho mais popular.

O Mensageiro (1835- 1836)



Figura 1 – Ilustração de capa de *O Mensageiro*

Sua circulação ocorria às terças e sextas-feiras, em Porto Alegre, de circulação no período de 3 de novembro de 1835 a 3 de maio de 1836. O responsável fundador foi Vicente Xavier de Carvalho. O Mensageiro pode ser considerado um jornal de linha liberal moderada, pois pondera a sua linguagem e suas opiniões. Publicava o expediente dos poderes executivo e legislativo da província, sendo o primeiro órgão oficial farroupilha.

Na época, ocorriam várias revoltas no Brasil: no Pará, a Cabanagem; na Bahia, a Revolta dos Malês e iniciava-se no Rio Grande do Sul a Revolução Farroupilha. Era editado em folha avulsa com dimensão de 22 x 32cm, impresso na Tipografia de V.F. de Andrade.

O Povo (1838 – 1840)

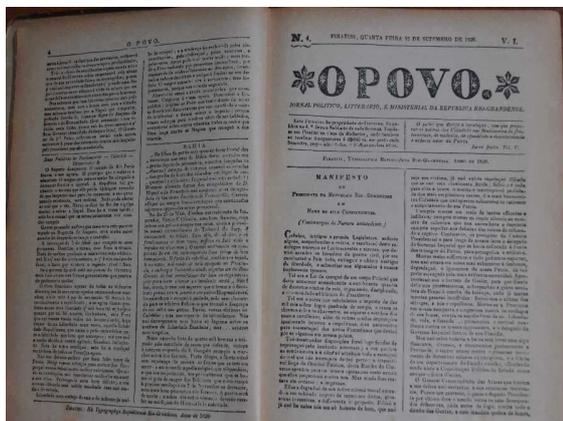


Figura 2 – ilustração de capa de *O Povo*

O jornal *O Povo* circulou entre 1º de setembro de 1838 até 2 de fevereiro de 1839 nas quartas-feiras e aos sábados em Piratini até o número 45 e foi reeditado do número 46 até o 160 em Caçapava assim que a cidade foi reconquistada pelos legalistas, circulando de 6 de março de 1839 até 23 de maio de 1840. Seus fundadores foram Luis Rossetti e Domingos José de Almeida. Era órgão oficial da República Rio-Grandense, considerado o jornal político, literário e ministerial da república. Procurava propagar “doutrinas democráticas para a salvação e felicidade da república”. Era impresso na Tipografia Republicana Rio-Grandense, na dimensão de 20x30 cm e, mais tarde, na dimensão de 23x 34cm.

É considerado um jornal bem característico da fase revolucionária gaúcha, circulando na época em que surgiu a Balaiada (no Maranhão) e terminou a Sabinada (na Bahia). Na época, Pedro de Araújo Lima assume a regência no Império. Nesse mesmo ano, é fundado o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e continua a Revolução Farroupilha.

O Americano (1842 – 1843)

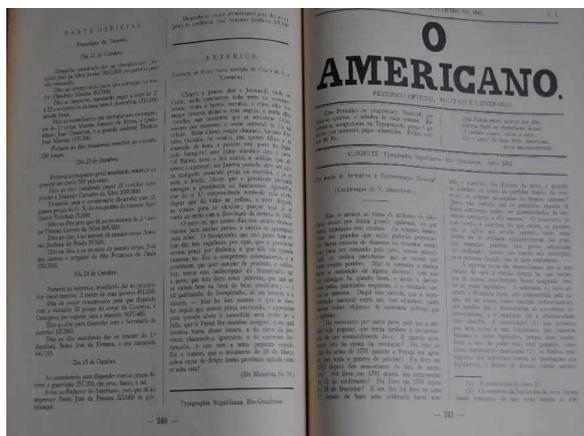


Figura 3 – Ilustração de capa de *O Americano*

O jornal *O Americano* foi o periódico oficial da República Rio-Grandense, continuando através do jornal Estrela do Sul. Sua edição era realizada em Alegrete, e circulou entre 24 de setembro de 1842 a 1º de março de 1843. Tinha como principal objetivo o triunfo da república, a consolidação de suas instituições e sua independência. Na época, a Espanha reconheceu a independência da Argentina. No Brasil, são anuladas as eleições, fato que gera revoltas em São Paulo e Minas Gerais, cuja repressão é comandada por Luís Alves de Lima e Silva. O Barão de Caxias assume a presidência da Província de São Pedro durante a Revolução Farroupilha que

persistia. O periódico saía em folha avulsa com dimensão de 22x 32cm e era impresso na Tipografia Republicana Rio-Grandense.

Estrella do Sul (1843)

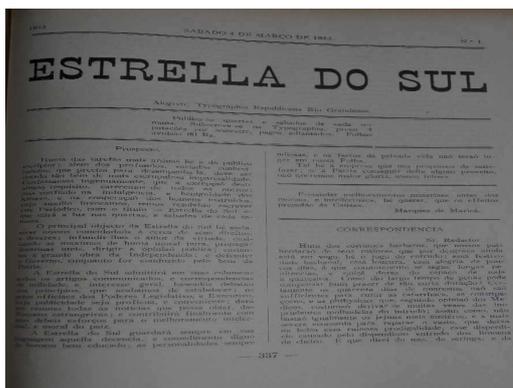


Figura 4 – Ilustração de capa de *Estrella do Sul*

Sendo a continuação de *O Americano*, seus únicos três números circularam entre 4 e 15 de março de 1843. Tinha como principal objetivo esclarecer aos cidadãos seus direitos e deveres, propagar “doutrinas úteis” e defender o governo. Como seu antecessor, também era editado em Alegrete e circulava nas quartas-feiras e aos sábados. Na época, ocorria a Reforma Liberal na Espanha e, no Brasil, a Revolução Farroupilha seguia seu curso. Saía em folha avulsa com dimensão de 22x32cm e sua impressão era feita na Tipographia Republicana Rio-Grandense.

Jornal do Commercio (1867 – 1868)



Figura 5 – Ilustração de capa de *Jornal do Commercio*

do Diário de Pelotas e também na Tipografia da Discussão. A edição era realizada em Pelotas e o jornal circulava quinzenalmente, com distribuição gratuita.

A Gazetinha (1891 – 1898)



Figura 7 – Ilustração de capa de *A Gazetinha*

“Os escriptores da “Gazetinha”, sem excepção de um único, são todos elles homens pobres, alguns paupérrimo (...) Alguns dentre elles são simples operarios, que furtam diariamente algumas horas ao repouso, trocando a ferramenta pela penna...”

(*A Gazetinha*, 11/07/1898, p.1 – Cautella)

O jornal circulou de 3 de maio de 1891 até março de 1900. O responsável pelo jornal era Octaviano Manoel de Oliveira. O periódico abordava assuntos populares, como crimes, julgamentos, buscas por escravos fugidos, entre outros. Nas edições especiais, encontram-se várias ilustrações caricatas. Na época de sua circulação, o país estava sob o governo de Marechal Deodoro da Fonseca, que renunciou sua reeleição e deixou seu cargo para Floriano Peixoto. Nesse período, em 1891, temos Julios de Castilhos como presidente da Província do Rio Grande do Sul. O diretor do jornal, Octaviano Manoel de Oliveira, era sócio da Liga Operária Internacional de Porto Alegre.

A *Gazetinha* foi o jornal mais analisado, pelo teor informal e sensacionalista de seu texto dirigido à população local. Dentre suas seções, “O Folhetim” era enviado por escritores populares que se criticavam inclusive entre eles (em relação ao tipo de escrita utilizado por um ou por outro), e as críticas eram publicadas na seção “Expediente”, conforme o visto abaixo:

Sr. Zé-Zé (ou I...) — Em primeiro lugar é preciso que saiba que por mais que procure disfarçar a letra, buscando também novos pseudonyms, hei de conhecê-lo sempre... em segundo lugar cumpre-me dizer ao Sr. que o seu escripto é simplesmente immoral, para não dizer repugnante.

Figura 8 – Trecho de *A Gazetinha*, seção Folhetim, 22 de novembro de 1891

Observamos também duas colunas de fofocas, a “Apanhados” e a “Periquitadas.”

A GAZI

APANHADOS



Ainda com o espirito um pouco perturbado porque não vejo as cousas no seu estado normal, venho cumprimentar as dignissimas leitoras cá do *microbio*, e os cavalheiros que concorrem com os piscarões para sustentarem o mesmo. Porém, antes de ferroar pór conta do patrão, vamos aos batalhões patrióticos: E' tanta gente em armas que é um Deus nos acuda! Temos— Batalhão «Bento Gonçalves», «Ernesto Alves», «Barros Cassal», e muitos outros que ainda não receberam a agua do *baptismo*.

O mais importante de tudo isto é o seguinte: Si tivermos de brigar não apparece a metade; e o resto ganha o matto, mesmo porque, mor-

que o Francisco G., Ladeira e Emilio Silva, andaram em comissão pelo Caminho Novo... O que andariam fazendo? Não erraram a porta da escola?

que certos assignantes mandaram deixar ficar os recibos em casa do agente desta folha, na rua do Rosario e não vão buscar. Quando virem os seus nomes aqui, não se queixem...

que no baile da «Nova Phenix» alguns socios estavam descontentes, por pagar 3\$000 e não haver licor para as moças. Em compensação tomaram café a valer...

que no mesmo baile o Affonsinho disse que o cidadão Barcellos estava fazendo declarações amorosas a uma *marajó*... Pudera! estamos em revolução... precisa-se de *vasos de guerra* para a luta...

Figura 9 – Trecho de *Apanhados* em *A Gazetinha*

A coluna “Apanhados” era assinada pelo “Marimbondo”, que com suas “picadas” relatava boatos da população em geral, como casos amorosos extra-conjugais e escândalos administrativos. Já “Periquitada”, era assinada pelo “Periquito”, que relatava fatos semelhantes e também respondia às “picadas” do “Marimbondo”.

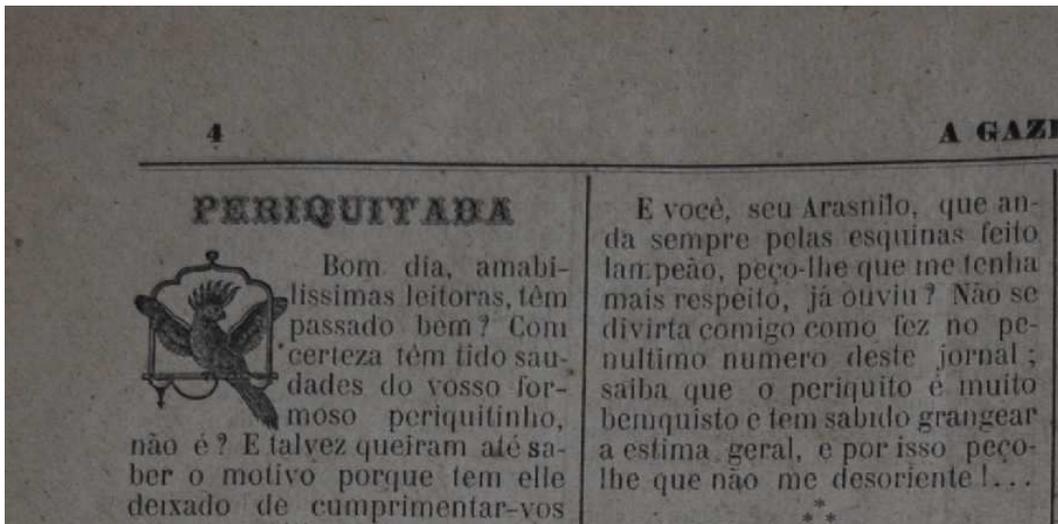


Figura 10 – Trecho de Periquitada, em A Gazetinha

A Federação (1892 – 1900)



Figura 11 – Ilustração de capa de A Federação

Circulou de 1º de janeiro de 1884 até 17 de novembro de 1937. O jornal era voltado para questões políticas, tendo como um de seus objetivos servir de porta-voz oficial do Partido

Republicano Rio-Grandense. Abordava também assuntos referentes ao comércio, à economia, arte, literatura e esporte.

O surgimento de *A Federação* ocorreu em meio a campanhas pela República e pela Abolição da Escravatura, sendo Porto Alegre palco de confrontos entre radicais republicanos e os partidários do Império.

Este periódico foi o primeiro jornal da província e um dos primeiros no país a usufruir de um serviço telegráfico nacional e internacional, o que possibilitou maior rapidez na publicação de notícias frente a outros jornais. Por isso, foi considerado um dos jornais mais modernos do país.

Inicialmente circulava com quatro páginas. Em 30 de setembro de 1912, após adquirir uma impressora “Duplex” (vinda da Suíça), teve seu material tipográfico remodelado e passou a ser impresso em oito páginas. Em meados de 1937, o jornal começou a colocar ilustrações e fotografias em suas páginas, o que não era constante em edições anteriores. Ao longo de sua existência, manteve sua dimensão original, de aproximadamente 60 x 42 cm.

O jornal circulava de segunda-feira a sábado, e era editado em Porto Alegre. Era um jornal vespertino, com circulação no país e no exterior. Foi financiado pelos seus membros, inclusive por seu diretor Júlio Prestes de Castilhos, fundador do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e governante do Rio Grande do Sul (1891-1898).

Após a descrição de nosso *corpus*, composto pelos jornais do Arquivo Histórico Moysés Vellinho, explicaremos nosso método de análise para a identificação de variáveis fonológicas.

3.2 Método de Análise

Para nossa investigação de identificar possíveis variáveis fonológicas nos jornais publicados no Rio Grande do Sul no século XIX, seguimos a taxonomia sugerida por Lass (2000) para realizarmos a diferenciação entre três tipos de registro de escrita. Classificamos ilustrativamente alguns casos que devem ser desconsiderados como dado válido, as categorias Lixo/*Garbage* e a Variação puramente gráfica/*Purely graphic variation*. A seguir exporemos os dados de Ortografia Significativamente Fonológica/*Phonologically significant spellings*.

3.2.1 Lixo Ortográfico

O lixo ortográfico é considerado o lapso de escrita propriamente dito, de mais fácil identificação. O conhecimento linguístico que temos acerca do português brasileiro não traz registros de pronúncia de *xarope* como *xraope*. No anúncio abaixo, constatamos um exemplo de Lixo ortográfico: a simples troca dos grafemas “r” e “a” não pode ser considerada sequer variação gráfica. Como vemos no mesmo anúncio encontrado em outro exemplar, a palavra *Xarope* aparece escrita de acordo com a orientação ortográfica conhecida.



Figura 12 – Trecho de jornal com exemplo de lixo ortográfico

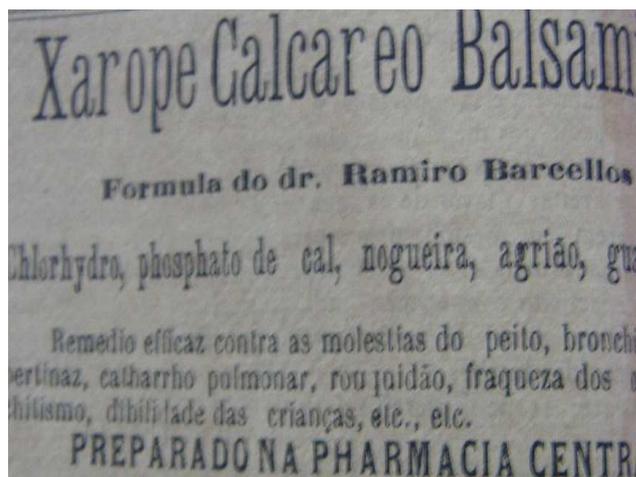


Figura 13 - Trecho de jornal com exemplo de lixo ortográfico corrigido

Expomos abaixo, outros exemplos de lixo ortográfico encontrados nos jornais:

- *Púmero* (número) em *A Gazetinha*, 31 de janeiro de 1897, p.4

- *Consirução* (construção) em *A Gazetinha*, 4 de agosto de 1898, p.3
- *Fazenad* (fazenda) *A Gazetinha*, 12 de agosto de 1898, p.4
- *Franea* (franca) em *Jornal do Commercio*, 30 de novembro de 1867, p. 1
- *Corrs* (cores) em *Jornal do Commercio*, 1º de dezembro de 1867, p. 4
- *Segutntes* (seguintes) em *Jornal do Commercio*, 22 de dezembro de 1867, p. 4

3.2.2 Variação Puramente Gráfica

A variação gráfica, assim como o lixo ortográfico, também é de fácil identificação pelo pesquisador. Lass (2000) diz que a variação puramente gráfica é aquela que expressa uma forma diferente de escrita conhecida, porém essa forma fazia parte da orientação ou padrão ortográfico da época em que o texto foi escrito. Duplicação de grafemas ou utilização de grafemas por razões etimológicas são exemplos de variação puramente gráfica. Muitas palavras simplesmente representam uma forma antiga da escrita da língua, e não necessariamente de pronúncia. Um exemplo conhecido é a palavra *pharmacia*, grafada com *ph* no século XIX, o que não indica necessariamente a pronúncia de oclusiva desvozeada bilabial. Atualmente a palavra é grafada com *f*. A palavra *programma* também apresenta em sua forma antiga uma grafia diferente, com grafema duplicado e sem relação aparente dessa duplicação e a pronúncia de *programa*.

Neste anúncio da Escola Brasileira Para Meninos e Meninas, por exemplo, vemos as palavras “quais” e “especiais”, escritas com a terminação “-es”. Sabe-se pelas descrições em gramáticas da época que havia uma normatização acerca da escrita de plurais.

Segundo Aulete (1864, p.24), a regra exigia a utilização de “-es” para a formação de plurais em nomes terminados em *l* precedidos por *a,o* ou *u*. Bento Oliveira (1862, p.6) também afirma que “os nomes acabados em *al,ol* ou *ul* formam o plural mudando o *l* em *es*”.

Essas evidências metalinguísticas explicam essa ocorrência escrita como variação da grafia, sem necessariamente expressar variante fonológica, o que torna o dado não-significativo para nossa pesquisa.



Figura 14 – Trecho de jornal com exemplos de variação gráfica

No próximo trecho, constatamos o mesmo caso nas palavras “estadoaes”, “municipaes” e “quaesquer”.

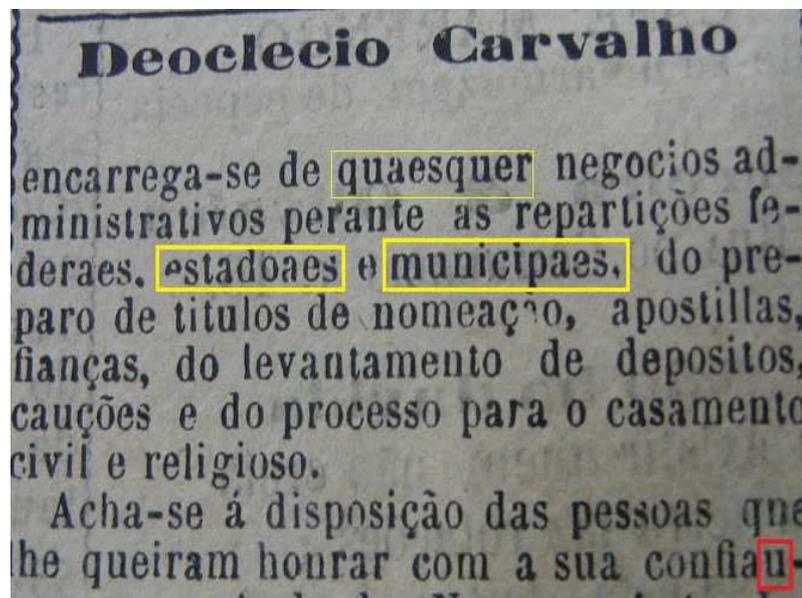


Figura 15 – Trecho de jornal com exemplo de variação gráfica e lixo ortográfico

Identificamos também, a ocorrência de “u” na palavra “confiança”, no final do trecho. Acreditamos que a ocorrência de “u” em certas palavras nas quais o grafema “n” era esperado, devia-se somente a uma problema de composição. Se invertermos o caractere utilizado para a

letra “n”, teremos o da letra “u”. Isso nos confirma que *confiauçã* é lixo ortográfico, assim como *pequeuo* na próxima figura.

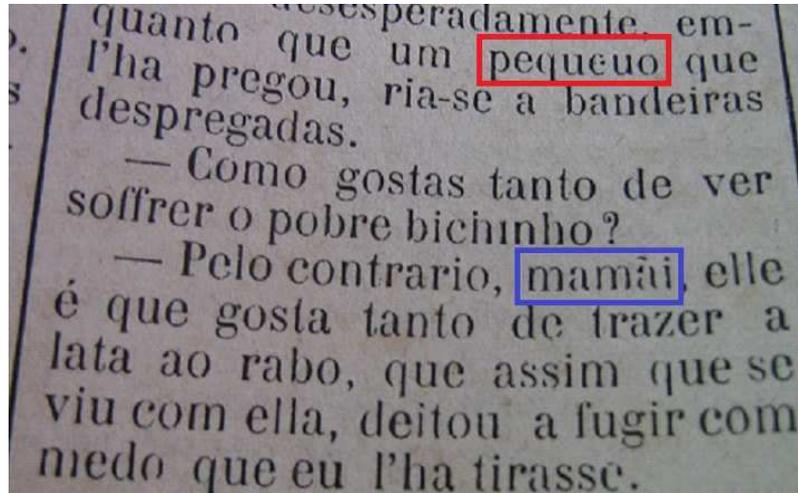


Figura 16 – Trecho de jornal com exemplos de lixo ortográfico e ortografia com possível valor fonológico

Neste trecho da figura 16, encontramos a palavra mamãe grafada como *mamãi*. Acreditamos que essa forma de escrita resulte na hipótese de representação de um ditongo nasal que ocorre na pronúncia dessa palavra. Este dado nos parece ter uma referência fonológica, atestando possível valor fonético desta forma de escrita.

Ao encontrarmos dados com possível referência fonológica e acreditarmos em uma busca por registros escritos que expressassem possíveis variáveis fonológicas, trazemos na próxima seção a classificação realizada por Monaretto (2005), na qual a autora faz, em caráter metodológico e preliminar para pesquisas futuras, uma tipologia de alterações ortográficas para estudo fonológico em textos antigos. É nesta tipologia que está a base para a nossa classificação dos dados.

3.3 Classificação de Variáveis Fonológicas através do Registro Escrito

Com base em Lass (2000) acreditamos que haja relação grafemático- fonética em registros escritos antigos. Nossa hipótese é de que podemos observar certas variantes de variáveis fonológicas, presentes no estado atual da língua, na escrita antiga por meio da grafia. Esse mesmo pressuposto foi utilizado em Monaretto (2005), que coletou variações gráficas em 50 textos entre cartas pessoais, folhetos de distribuição pública, editoriais e classificados de jornais em museus e

arquivos históricos de Porto Alegre, datados entre 1831 e 1925. Também examinou outras cartas oficiais e anúncios de jornais brasileiros dos séculos XVIII e XIX. A autora criou uma tipologia preliminar, com caráter metodológico, para interpretar os textos e fazer considerações futuras sobre aspectos relacionados à variação e mudança fonológica do português brasileiro, trazendo exemplos encontrados nos textos antigos e classificados como fenômeno fonológico, conforme a seguir:

(3) Tipologia de alterações ortográficas para estudo fonológico em textos antigos (adaptada de MONARETTO, 2005, p. 132-133)

1. Atonicidade das vogais

Elevação vocálica: *piquena* (pequena)

Harmonia Vocálica: *acustumados* (acostumados)

2. Substituição de Segmentos

Entre lateral e glide em coda: *auguns* (alguns)

Entre líquidas em grupo consonantal: *simpres* (simples)

3. Omissão de segmentos

No ataque: *poblema* (problema)

No núcleo: *suprior* (superior)

Na coda: *viages* (viagens)

4. Epêntese (ditongação e inserção de segmento): *fais* (faz)

5. Metátese: *intervista* (entrevista)

6. Alteração da Palavra com Clíticos

Proclíticos: *impessoa* (em pessoa)

Segmentação: *em bora* (embora)

7. Outros: *ocosião* (ocasião)

Baseados em sua tipologia, utilizaremos a seguinte classificação para nossa coleta de dados:

(4) Classificação de ocorrências gráficas com possível valor fonológico

1. Casos de Elevação Vocálica
2. Casos de Substituição de Segmentos
3. Casos de Omissão de segmentos
4. Casos de Epêntese
5. Casos de Metátese
6. Casos de Proclíticos
7. Casos de Segmentação

A seguir, em nosso próximo capítulo, veremos exemplos de palavras encontradas nos jornais que se adequaram a essa classificação.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos jornais antigos é um procedimento minucioso e que demanda tempo. Isso ocorre devido à dificuldade da leitura, pois a qualidade da impressão nem sempre torna o jornal legível. A fragilidade do documento antigo e seu manuseio também dificultam o processo. O tipo de leitura mantendo o filtro ativo para a diferenciação entre *lixo gráfico*, *variação puramente gráfica* e *grafia com valor fonológico significativo* se constrói durante a pesquisa, muitas vezes, exigindo que exemplares dos jornais sejam reanalisados.

A lista dos jornais analisados, com o número de exemplares lidos de cada título, encontram-se no Quadro 1 na seção 3.1.1.1. Na próxima seção, faremos nossa descrição dos resultados, trazendo exemplos de grafia com valor significativamente fonológico.

4.1 Descrição dos Resultados

Expomos, em nosso método de análise, exemplos que retratam os equívocos que podem ocorrer na coleta de dados. Concordamos com Lass (2000) que a distinção entre *lixo*, *variação puramente gráfica* e *dado com valor fonológico significativo* se faz necessária para obtermos *dados bons*.²³

A seguir, exporemos resultados de nossa coleta de variáveis fonológicas, entendidas como dados do que acreditamos serem formas escritas fonologicamente significativas, adequando-as à classificação de variáveis fonológicas proposta em (4). Listaremos cada dado encontrado especificando de qual jornal e respectivo exemplar foi extraído. Os dados estão classificados por fenômeno fonológico trazendo ao lado de cada palavra a data do exemplar no qual foi encontrada e a respectiva página. Prezamos pela fidelidade ortográfica ao transcrevermos os dados, colocando entre parênteses a palavra correspondente na grafia atual quando julgamos necessário, para melhor compreensão de seu significado.

²³ Utilizamos a expressão *dado bom* em oposição a *dado ruim* proposto por Labov (1994), ao se considerar a escrita como objeto de estudo da mudança linguística relacionada à fala.

4.1.2.1 Casos de Elevação Vocálica

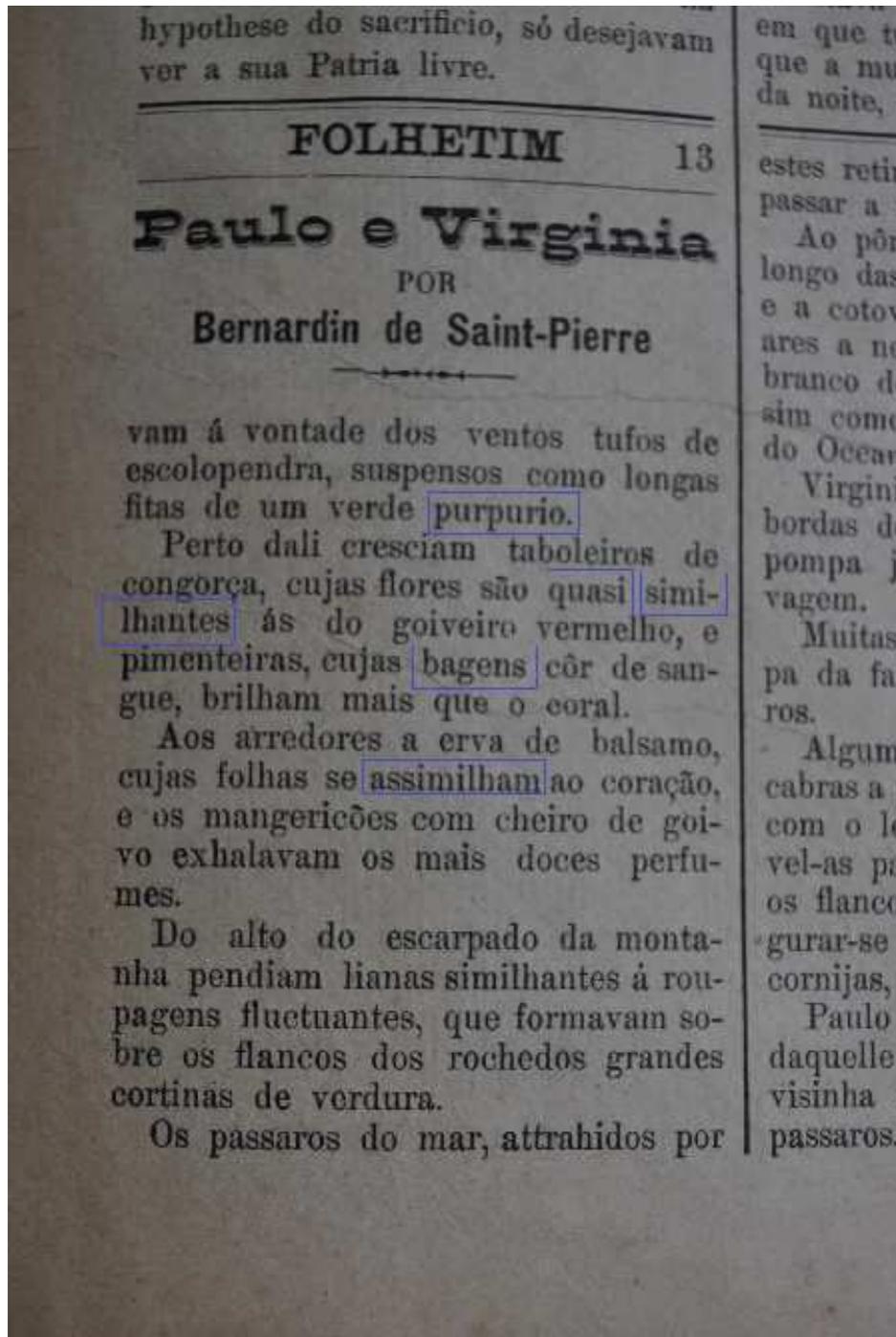


Figura 17 – Trecho de *A Gazetinha* com casos de elevação vocálica e substituição segmental

Em A Gazetinha, na edição do dia 15 de novembro de 1891, acreditamos que os dados expressem elevação e harmonia vocálicas nas palavras *quasi*, *purpúrio*, *similhantes* e *assimilham*. Também identificamos substituição segmental consonantal na palavra *bagens*.

Na próxima figura, encontramos dados que também acreditamos expressarem elevação da vogal média postônica (*quasi*) e harmonia vocálica (*similhante*). Também há uma ocorrência de metátese (*pertenderemos*),

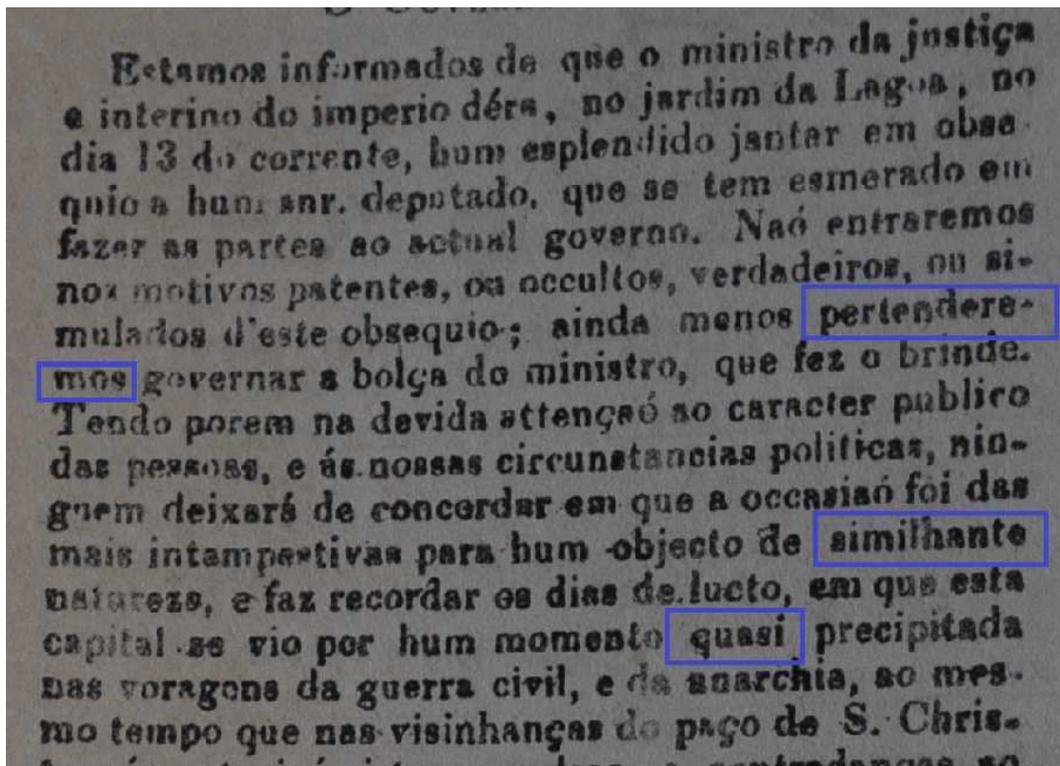


Figura 18 – Trecho de *O Povo* com casos de elevação vocálica e metátese

A elevação vocálica é um fenômeno fonológico em que uma vogal transforma-se em outra em termos de altura. Uma vogal média do português brasileiro como /e/, por exemplo, pode ser pronunciada como uma vogal média [e], ou como uma vogal mais alta, como [i], ou ainda como uma vogal mais baixa de altura, como [ɛ]. Antes de exemplificarmos, faremos algumas considerações acerca do sistema vocálico do português.

As vogais de nossa língua foram representadas segundo sua localização articulatória, elevação da língua e arredondamento dos lábios por Câmara Jr.(1970, p.33) *apud* Bisol (2005). Vemos a seguir, o esquema proposto para a representação das vogais do português em posição tônica:

	Não-arredondadas		arredondadas	
altas	/i/			/u/
médias		/e/		/o/ (2º grau)
médias		/ɛ/		/ɔ/ (1º grau)
baixa			/a/	

De acordo com o esquema, em contexto de sílaba tônica as vogais criam oposições como s[a]co, s[e]co, s[ɛ]co, s[o]co, s[ɔ]co, s[i]lo, s[u]co. Porém, quando a sílaba tônica é seguida por nasal, como em l[e]nda, c[o]nto (não l[ɛ]nda e c[ɔ]nto) não há oposição entre as vogais médias de 1º e 2º graus, conforme o esquema a seguir.

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/o/
baixas			/a/
	anterior	central	posterior

Quando as vogais ocorrem em sílabas átonas, o sistema inicial de sete vogais fica reduzido, ou seja, neutraliza-se. A neutralização ocorre quando há a perda de um traço distintivo, reduzindo dois fonemas a uma só unidade fonológica (CÂMARA JR. 1970 *apud* BISOL *et al.*, 2005, p. 172). É o que ocorre em palavras como caf[ɛ] – caf[e]teira e s[ɔ]l – s[o]lção.

Na posição átona pretônica, há neutralização das vogais médias de 1º e 2º graus, conservando as de 2º grau, conforme o esquema a seguir:

altas	/i/		/u/
médias		/e/	/o/
baixas			/a/
	anterior	central	posterior

Na posição postônica átona não-final ocorre a neutralização entre as vogais posteriores /o/ e /u/, mas não entre as anteriores /e/ e /i/. Câmara Jr. (1970,p.35) *apud* Bisol *et al.* (2005, p.173) afirma que a oposição entre /o/ e /u/ é uma convenção da língua escrita. Ex: côm[u]do por cômodo e abób[u]ra por abóbora, conforme a seguir:

altas	i		u
médias		e	-
baixa			a
	anterior	central	posterior

Já em posição átona postônica final, as vogais, seguidas ou não de /S/ ficam reduzidas a três, ocorrendo a neutralização entre as médias e altas. Em palavras como mat[i], mat[u], mat[a], o traço que distingue /e/ de /i/ de um lado, e /o/ e /u/ de outro, em termos de média versus alta, é neutralizado, conforme o quadro a seguir:

altas	i		u
baixas			a
	anterior	central	posterior

Como exemplo de dado elevação vocálica encontrado em jornais, trazemos na figura abaixo a palavra *dispertavas*, encontrada no trechos da seção *Folhetim* de *A Gazetinha*, 17 de janeiro de 1892.

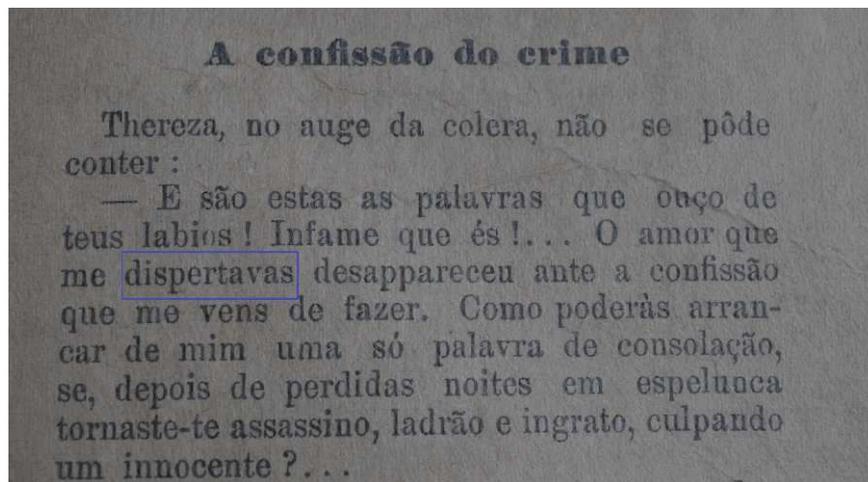


Figura 19 – Trecho de *A Gazetinha* com elevação vocálica

Já na figura 20, na seção *Folhetim* da edição de 24 de janeiro de 1892 de *A Gazetinha* encontramos a elevação vocálica através da palavra *máguas*.

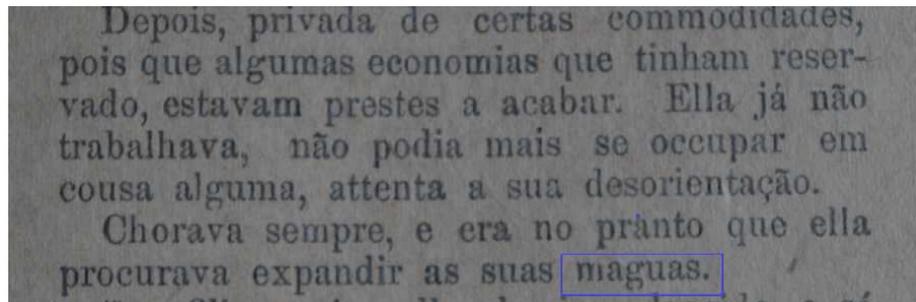


Figura 20 – Trecho de *A Gazetinha* com elevação vocálica

A seguir, traremos os dados referentes aos casos de elevação vocálica que encontramos nos exemplares analisados dos seguintes jornais

A Gazetinha:

- *dispertam*, 15 de novembro de 1891, p.1
- *veiu*, 15 de novembro de 1891, p.1
- *purpurio*, 15 de novembro de 1891, p.1
- *quasi*, 15 de novembro de 1891, p.1
- *dispertavas*, 17 de janeiro de 1892, p. 3
- *máguas*, 24 de janeiro de 1892, p. 3
- *siquer*, 28 de fevereiro de 1892, p. 1
- *sudueste*, 13 de março de 1892, p. 4
- *dispertado*, 20 de março de 1892, p. 1
- *incontinenti*, 3 de abril de 1892, p. 1
- *sinão*, 20 de dezembro de 1891, p.4
- *intretenimento*, 24 de abril de 1892, p. 4
- *marcineiro*, 5 de maio de 1898, p. 3
- *maguada*, 13 de junho de 1898, p. 1
- *incarna*, 10 de setembro de 1898, p. 1
- *maguado*, 6 de outubro de 1898, p. 1

A Voz do Escravo

- *dispotismo*, 15 de fevereiro de 1881, p. 1
- *quasi*, 15 de fevereiro de 1881, p. 2

O Mensageiro

- *coverto*, 1º de dezembro de 1835, p. 1
- *aclariando*, 5 de janeiro de 1836, p. 3
- *quasi*, 12 de fevereiro de 1836, p. 2

O Americano

- *ocurrença*, 24 de setembro de 1842, p. 3
- *quasi*, 28 de setembro de 1842, p. 4

O Jornal do Commercio

- *quasi*, 16 de novembro de 1867, p.3
- *magua*, 16 de novembro de 1867, p.3
- *veiu*, 17 de novembro de 1868, p.4

A Federação

- *sinão*, 4 de abril de 1892, p.3.

O Povo

- *compitentemente*, 26 de setembro de 1838, p.2
- *disgraçados*, 26 de setembro de 1838, p.1
- *disprezo*, 26 de setembro de 1838, p.3

Nas ocorrências de elevação vocálica, podem ocorrer flutuações dentro do sistema vocálico do português devido à variação linguística. Levando em consideração o posicionamento da língua na articulação das vogais, podemos afirmar que elas são elevadas ou alçadas em determinados contextos, o que nos permite encontrar variantes.

Diferente do fenômeno posicional da neutralização, temos o fenômeno da *harmonia vocálica*, na qual as vogais médias pretônicas assimilam a altura da vogal alta da sílaba imediatamente seguinte. Este fenômeno denota variação e não modificação do sistema vocálico. Assim, temos tanto a ocorrência de c[o]ruja quanto c[**u**]ruja, m[e]nino e m[**i**]nino.

Na figura 21, com um trecho de *O Povo* de 6 de março de 1839, trazemos um exemplo de caso de harmonia vocálica com a palavra *individamente* (indevidamente), na qual a vogal /i/ da segunda sílaba influencia a pronúncia do /e/ esperado na primeira sílaba.

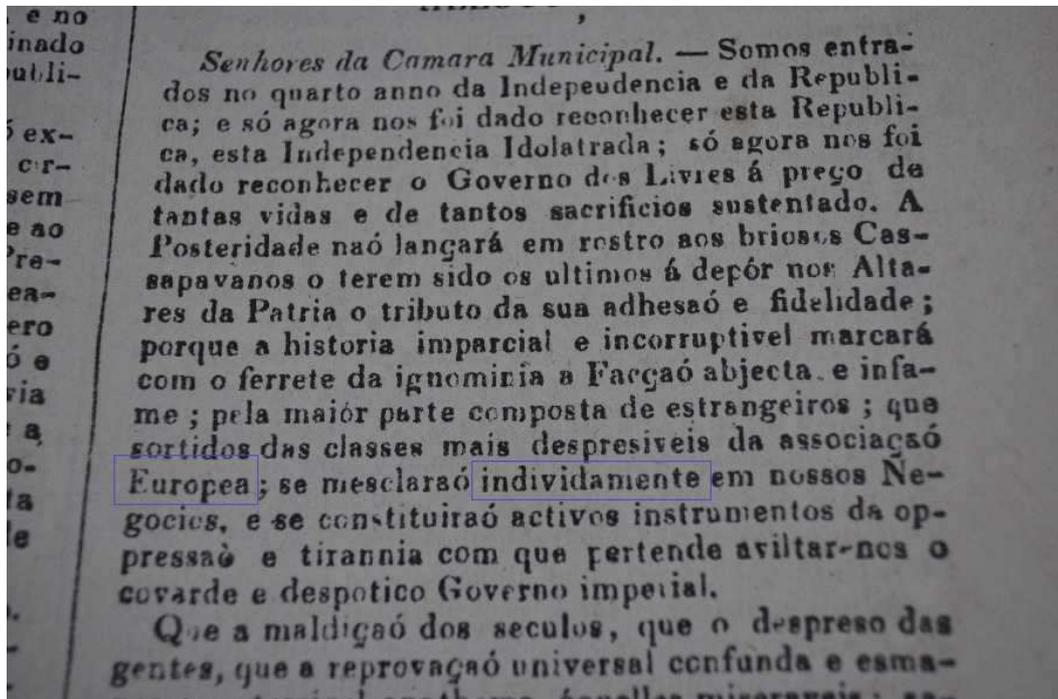


Figura 21 – Trecho de *O Povo* com elevação vocálica

Outro exemplo do que acreditamos ser um caso de harmonia vocálica foi a a forma escrita *distino* (destino), encontrado em *O Povo*, 24 de outubro de 1838. Na figura 22, como o exemplo anterior, a vogal média alta da segunda sílaba influencia a pronúncia de /e/ esperado em “destino” elevando /e/ para /i/.

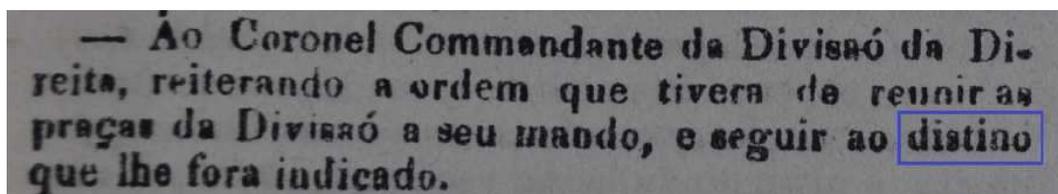


Figura 22 – Trecho de *O Povo* com elevação vocálica

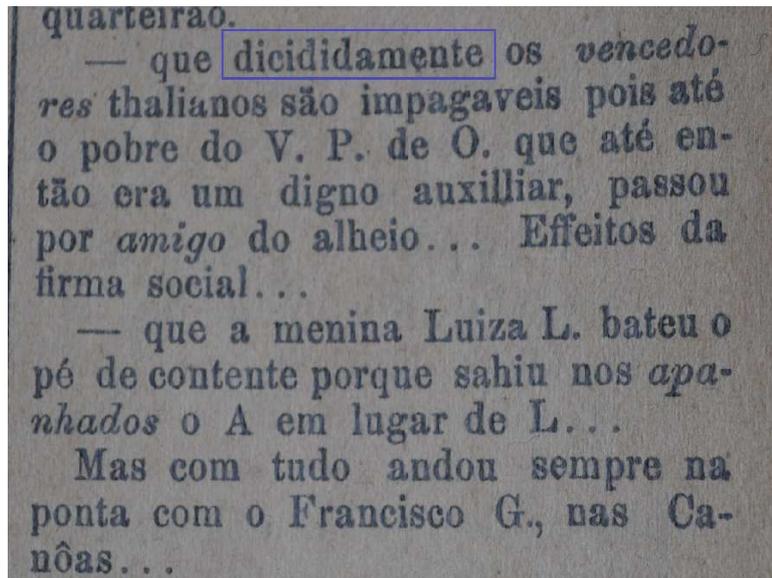


Figura 23 – Trecho de *A Gazetinha* com elevação vocálica

Na figura 23, referente à *Gazetinha*, expomos outro dado que exemplifica a harmonia vocálica na palavra *dicidamente*. Além disso, a palavra *muchila* foi encontrada na seção *Periquitada* do dia 22 de novembro de 1891, conforme a figura 24.

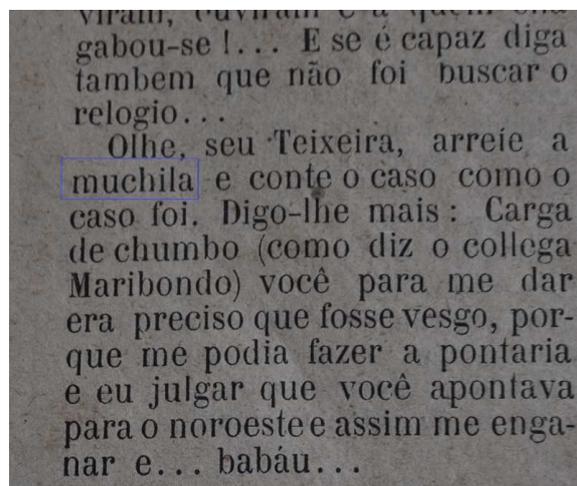


Figura 24 – Trecho de *A Gazetinha* com elevação vocálica

A seguir trazemos os dados encontrados em jornais que se adequaram aos casos de harmonização vocálica.

Em *A Gazetinha*:

- *intrincheiramento*, 12 de maio de 1898, p.2
- *beneficio*, 12 de maio de 1898, p.2

- *assimilham*, 15 de novembro de 1891, p. 1
- *similhantes*, 15 de novembro de 1891, p. 1
- *muchila*, 22 de novembro de 1891, p.4
- *indiabrado*, 27 de dezembro de 1891, p. 2
- *dicididamente*, 27 de dezembro de 1891, p. 3
- *engulideiras*, 31 de janeiro de 1892, p. 3
- *arripie*, 28 de fevereiro de 1892, p. 1
- *enguli*, 20 de março de 1892, p. 2
- *Viríssimo*, 20 de março de 1892, p. 2
- *disfrute*, 20 de março de 1892, p. 3
- *pussuidor*, 12 de dezembro de 1897, p.2
- *difinitivas*, 9 de maio de 1898, p. 2
- *discidisse*, 9 de maio de 1898, p. 2
- *confissionario*, 22 de agosto de 1898, p. 1
- *indireitarem*, 1º de setembro de 1898, p. 1
- *similhança*, 6 de setembro de 1898, p. 1
- *urgias* (orgias), 4 de outubro de 1898, p.1

Em *A Voz do Escravo*

- *muribundo*, 3 de abril de 1881, p. 1

Em *Estrella do Sul*

- *dicidido*, 15 de março de 1843, p. 1
- *anticipadamente*, 15 de março de 1843, p. 3

Em *O Mensageiro*

- *persiguinto*, 10 de novembro de 1835, p.3
- *dimittidos*, 1º de dezembro de 1835, p. 2
- *discripção* (descrição), 8 de janeiro de 1836, p. 4

Em *O Americano*

- *persiguiáo*, 8 de outubro de 1842, p. 4
- *persiguição*, 1º de outubro de 1842, p. 3
- *benificiente*, 19 de outubro de 1842, p. 3
- *intrincheirados*, 29 de outubro de 1842, p. 2

Em *O Jornal do Commercio*

- *cusinha*, 5 de novembro de 1867, p.4
- *cusinhar*, 7 de novembro de 1867, p. 4
- *cusinheiro*, 7 de novembro de 1867, p. 6

Em *A Federação*

- *distilada*, 1º de janeiro de 1892, p.4

Em *O Povo*

- *distino*, 24 de outubro de 1838, p. 65
- *dimittidos*, 24 de outubro de 1838, p. 66
- *similhante*, 24 de outubro de 1838, p. 66
- *individamente*, 6 de março de 1839, p.189

A seguir, relatamos os casos de substituição segmental encontrados na escrita.

4.1.2.2. Casos de Substituição de Segmentos

A substituição segmental ocorre quando há a troca de um segmento por outro na palavra. No português brasileiro, é comum em alguns dialetos de algumas regiões do país a troca de /v/ por /b/ em algumas palavras como *barrer*, *bassoura* ao invés de *varrer* e *vassoura*. Nessa categoria, encontramos palavras como *bagens* e *berdade*. Em casos de substituição de segmentos vocálicos, percebemos que em muitas palavras houve a troca de uma vogal média por outra. Em palavras como *ostilhaçando-a*, *horoína*, *soveridade*, *ostrada* e *vordadeiros* há a troca da vogal média /e/ por /o/. A substituição de /a/ por /e/ ocorreu nas palavras *salsiche* e *artilheria*. Prevista

em alguns dialetos do português brasileiro, a troca da lateral palatal /l/ pela vibrante simples /r/ foi expressa nas palavras *frexas* e *froco*.

A seguir, a relação das ocorrências nas quais constatamos substituição segmental:

Em *A Gazetinha*

- *bagens*, 15 de novembro de 1891, p.1
- *bringuedo*, 24 de janeiro de 1892, p. 3
- *salsiche*, 30 de setembro de 1897, p. 3
- *ostilhaçando-a*, 9 de maio de 1898, p.1
- *artilheria*, 14 de maio de 1898, p.2
- *horoína*, 19 de maio de 1898, p. 1
- *rochonchudo*, 1º de junho de 1898, p. 1
- *ostreiante*, 13 de junho de 1898, p. 1
- *subnteindente*, 14 de junho de 1898, p. 2
- *ostrada* (estrada), 6 de agosto de 1898, p. 1
- *rotirando-se*, 2 de setembro de 1898, p. 1
- *soveridade*, 5 de setembro de 1898, p. 1
- *vordadeiros*, 13 de setembro de 1898, p. 2
- *rio-graedense*, 22 de setembro de 1898, p. 1

Em *A Voz do Escravo*:

- *berdade* (verdade), 30 de janeiro de 1881, p. 2

Em *O Jornal do Commercio*

- *frechas* (flechas), 22 de dezembro de 1867, p. 1
- *froco* (floco), 28 de dezembro de 1867, p. 1

Na próxima seção, relatamos os casos de omissão segmental encontrados.

4.1.2.3. Casos de Omissão de segmentos

O apagamento ou omissão de segmentos pode ocorrer em algumas palavras da língua portuguesa. Em palavras como *xícara* e *árvore*, a vogal postônica tende a ser omitida

manifestando a existência de ocorrências como *xícra* e *árvri* na fala. Na figura abaixo, no trecho da edição de 6 de dezembro de 1891 de *A Gazetinha*, temos uma poesia do autor Zé Bras. Nela, há um exemplo de omissão segmental com a palavra *Chic'ra* (xícara). Também encontramos uma ocorrência desse tipo na palavra *binóc'lo* (binóculo).

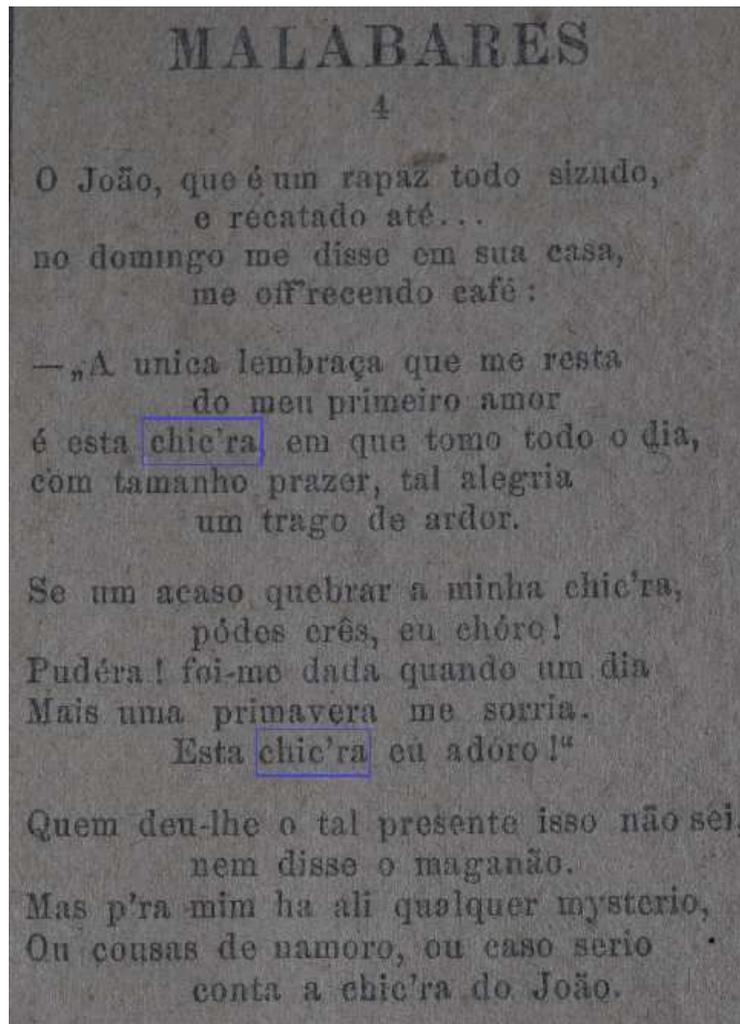


Figura 25 – Trecho de *A Gazetinha* com omissão segmental

Encontramos outras ocorrências de omissão segmental em situações como a desditongação nas palavras *quejos* (queijos), *echo* (eixo), *criolo* (crioulo), *cerolas* (ceroulas) e *atoria* (autoria). Também identificamos omissões em pretônicas (*escondrijos* e *caftinagem*) e a omissão da vibrante nas palavras *registe-se*, *registado*, *registada* e *próprios*. Embora encontremos omissão do

/r/ nas ocorrências de *prerogativa* e *caturita*, não sabemos da interpretação do escritor acerca da diferenciação entre a vibrante simples ou múltipla ali representadas. É constatada a ocorrência de tepe em contextos nos quais a vibrante múltipla é esperada em certos dialetos do português brasileiro. Outros casos de omissões segmentais serão mostrados na lista de ocorrências escritas seguinte:

Em *A Gazetinha*

- *quejos*, 15 de novembro de 1891, p.2
- *Chic'ra*, 6 de dezembro de 1891, p.2
- *Caturita*, 13 de novembro de 1891, p. 3
- *Escondrijos*, 4 de outubro de 1898, p. 1
- *Caftinagem*, 6 de outubro de 1898, p.1

Em *A Voz do Escravo*

- *Echo* (eixo), 16 de janeiro de 1881, p. 1
- *Prerogativa*, 16 de janeiro de 1881, p. 1

Em *Estrella do Sul*

- *Registe-se*, 4 de março de 1843, p.2
- *Prerogativa*, 8 de março de 1843, p. 1

Em *O Mensageiro*

- *Registado*, 6 de novembro de 1835, p. 3
- *Registada*, 6 de novembro de 1835, p. 3
- *té* (até), 5 de fevereiro de 1836, p. 3
- *criolo*, 8 de março de 1836, p. 4

Em *Jornal do Commercio*

- *própios*, 13 de novembro de 1867, p. 1
- *qua'quer*, 21 de novembro de 1868, p.4
- *cerolas* (ceroulas), 1º de dezembro de 1867, p. 4
- *atoria* (autoria), 20 de dezembro de 1867, p. 3

Em *A Federação*

- *binoc'lo*, 15 de janeiro de 1892, p.2

A seguir, relatamos as ocorrências de palavras com inserção segmental.

4.1.2.4. Casos de Epêntese

A epêntese indica a inserção de um segmento no meio de uma palavra. Algumas palavras do português podem formar sílabas novas ou hiatos decorrentes dessa inserção, como as palavras *rapto* - /rapitu/ e *advogado* - /adevogadu/ ou /adivogadu/.

Segundo Câmara Jr. (1997, p.131), o fenômeno da epêntese ocorreu de três formas na evolução da língua portuguesa:

- 1) da semivogal anterior /y/ depois de /e/ tônico em hiato, por exemplo: *véa* (de vena) > veia;
- 2) de uma consoante nasal depois de vogal nasal em hiato, porque o elemento nasal pós-vocálico se desenvolve em consoante pré-vocálica na sílaba seguinte. Por exemplo: /i (n)/ quando desenvolveu a nasal palatal /n'/ em *vio* (*i* era escrito com til, de *vinu* > *vinho*.;
- 3) Da consoante /b/ no grupo /mr/ resultante de síncope de uma vogal postônica ou pretônica, por exemplo: *umeru* > *um'ru*->*ombro*.

Identificamos inserção de segmento vocálico nas palavras *passeiante* (e derivações), *receiosa*, *feichadas* (e derivações), *poude* (pôde), *obezequie*, *prienchemos*, *reisqueita* e *garavetos*.. Encontramos somente uma ocorrência de inserção de nasal na palavra *intalianos*. A seguir, os casos de epêntese encontrados:

Em *A Gazetinha*

- *passeiante*, 27 de dezembro de 1891, p. 2
- *passeiando*, 17 de janeiro de 1892, p. 3
- *receiosa*, 17 de janeiro de 1892, p. 3
- *passeiador*, 13 de março de 1892, p.4
- *receiando*, 20 de março de 1892, p. 2
- *passeiando*, 20 de março de 1892, p. 2

- *presenceiou*, 3 de abril de 1892, p. 1
- *passeiata*, 6 de maio de 1897, p. 1
- *feichadas*, 19 de agosto de 1897, p. 3
- *poude*, 7 de maio de 1898, p. 1
- *garavetos*, 7 de maio de 1898, p. 1
- *feixaduras*, 7 de maio de 1898, p.4
- *intalianos*, 31 de janeiro de 1892, p. 2

Em *O Americano*

- *obezequie*, 1º de outubro de 1842, p. 4

Em *Jornal do Commercio*

- *passeiavam*, 29 de novembro de 1867, p. 2
- *feixada*, 6 de dezembro de 1867, p. 4
- *feixado*, 8 de dezembro de 1867, p. 4

Em *O Povo*

- *prienchemos*, 7 de novembro de 1838, p.79
- *reispeita*, 7 de novembro de 1838, p.79

Em *A Federação*

- *farcista* (fascista), 5 de maio de 1892, p.1

Expomos a seguir, as ocorrências escritas que expressam metátese no português brasileiro escrito.

4.1.2.5. Casos de Metátese

Da Hora, Telles & Monaretto (2007, p.180), definem a metátese da seguinte forma

“O termo Metátese (do grego *metatesis* ‘transposição, mudança de lado’) é a transposição de sons; é uma mudança em que os sons trocam de posições com um outro dentro de uma palavra. A

maioria dos exemplos de metátese, segundo Campbell (1998, p. 37), são esporádicos, mas a metátese também pode ser uma mudança regular.”

Foram encontrados poucas ocorrências escritas que indiquem possível metátese, conforme a seguir:

Em *O Povo*

- *pertende*, 6 de março de 1839, p. 189.
- *pertendem*, 7 de novembro de 1838, p.81
- *pertenderemos*, 24 de outubro de 1838, p. 66
- *preversos* (perversos), 29 de dezembro de 1838, p. 142
- *preverteo-se*, 10 de janeiro de 1839, p.164

A seguir, mostraremos as ocorrências de junção de palavra com clítico.

4.1.2.6. Casos de Proclíticos

Segundo Bisol (2005, p. 248) o grupo clítico é a unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica. No português, os clíticos podem ser, de acordo com a sua posição à palavra de que dependem: proclíticos - dependem da palavra seguinte ou enclíticos - dependem da palavra precedente.

A seguir, expomos casos de junção de palavra com proclítico nas seguintes ocorrências:

Em *A Gazetinha*

- *nossosagradecimentos*, 15 de novembro de 1891, p.4
- *bemquisto*, 22 de novembro de 1891, p.4
- *enfrente*, 22 de novembro de 1891, p.4
- *qu'esperavas*, 13 de novembro de 1891, p.4
- *derepente*, 17 de janeiro de 1892, p. 1
- *embicas*, 24 de janeiro de 1892, p. 2
- *pagarelles*, 31 de janeiro de 1892, p. 2
- *bemdizendo*, 31 de janeiro de 1892, p. 3
- *encima*, 3 de abril de 1892, p. 2

Em *A Voz do Escravo*

- *N'amplidão*, 15 de fevereiro de 1881, p.4

Em *Estrella do Sul*

- *davictoria*, 8 de março de 1843, p. 2

Em *O Mensageiro*

- *porisso*, 5 de fevereiro de 1836, p.2

Em *O Americano*

- *empeiora*, 19 de outubro de 1842, p. 4

Em *Jornal do Commercio*

- *enfrente*, 4 de dezembro de 1867, p. 6
- *aslistas*, 5 de dezembro de 1867, p. 3
- *pódeser*, 6 de dezembro de 1867, p. 4
- *oschafarizes*, 18 de dezembro de 1867, p.1
- *parapresentes*, 18 de dezembro de 1867, p.4
- *as mesmascomissões*, 25 de dezembro de 1867, p. 1
- *o quedér e vier*, 1º de janeiro de 1868, p. 2.

Em *A Federação*

- *superorganico*, 6 de junho de 1892, p.1

A seguir, passamos aos casos de segmentação.

4.1.2.7. Casos de Segmentação

Cunha e Miranda (2008) realizaram um estudo em textos produzidos por crianças de 1ª a 4ª série acerca da segmentação na escrita. Nesta pesquisa, afirmam a influência do troqueu silábico em hipersegmentações – alocação de espaço no interior da palavra – em ocorrências como *a onde* e *em bora*.

Mostraremos a seguir as ocorrências escritas encontradas que acreditamos expressarem casos de segmentação:

Em *A Gazetinha*

- *ante-hontem*, 6 de dezembro 1891, p.4

Em *A Voz do Escravo*

- *Em fim*, 16 de janeiro de 1881, p. 1
- *Em quanto*, 16 de janeiro de 1881, p. 2

Em *O Americano*

- *Ante-hontem*, 8 de outubro de 1842, p. 4

Em *Jornal do Commercio*

- *gastro enterites*, 30 de novembro de 1867, p.1
- *outro sim* (outrossim), 1º de dezembro de 1867, p. 4

Ao acreditarmos que a grafia pode representar a pronúncia, podemos inferir que formas escritas podem representar processos fonológicos de uma época. Monaretto (2005, p.125) afirma que no século XVI a grafia era predominantemente fonética, já que poucos escreviam sob as normas do Latim, que era utilizado em obras científicas em uma época em que o analfabetismo era grande. Após, com a incorporação da orientação latina ao português escrito, surgiram em meados do século XVI, orientações ortográficas etimológicas e pseudo-etimológicas, já com tendências simplificadoras. Também ressalta que só em 1904, com o primeiro acordo de unificação ortográfica de Gonçalves Vianna, se iniciam as reformas ortográficas oficiais da língua portuguesa.

Embora predominantemente fonética, na escrita arcaica do português não se fazia uma mera transcrição fonética. Cagliari (1994, p.109-110) *apud* Detomi (1998, p.32) alude ao fato de que

“ Quando não se sabe qual seja a grafia de uma palavra o escritor tem que fazer hipóteses sobre qual seria a melhor forma de escrever. Essa situação foi típica dos antigos, como é típica até hoje, das crianças que fazem textos na alfabetização, conhecendo apenas o alfabeto, o nome das letras, algumas das relações entre letras e sons e uma ou outra palavra em sua forma ortográfica.”

Para Monaretto (2005, 133), é possível resgatar indícios de variação de certos tipos fonológicos, desde que o pesquisador desse tipo de fonte de dados esteja atento desde a busca de

corpora até a *filtragem* estabelecida nos registros escritos que podem ser utilizados como dados de variação. Conforme a autora, excluímos de nossos dados os casos que, em nosso entender, a representação do fonema tenha sido alterada por questões de variações de grafia possíveis pela relação letra e fonema, como o /s/ que não tem seu som alterado mesmo com a representação múltipla do fonema, como a palavra *dois* grafada como *doiz* e as sequências nasalizadas nos tempos passado (-am) e futuro (-ão) também tem sons idênticos, o que traz ao padrão de escrita da época um emprego aleatório das formas.

Percebemos que a relação da escrita com a fala traz à tona as seguintes questões: é possível a fala representar a escrita mesmo com a presença de violação da linearidade na representação dos fonemas através das letras? Que relações o homem faz ao estabelecer seu sistema escrito relacionando-o com a sua percepção da fala?

Tasca (2002, p.30-31) afirma a interferência da oralidade na escrita, pois

“ao entrar em contato com o sistema ortográfico da língua, o sujeito aprendiz da leitura e da escrita depara-se com as interferências do sistema fonológico. Daí a necessidade de se estudarem as características dos sons vocálicos e consonantais, bem como o modo como eles se organizam em unidades maiores.”

Em seu estágio inicial, a escrita de crianças em fase de alfabetização apresenta lapsos de escrita como *caza* ao invés de *casa*, ou *familha* ao invés de *família*. Esses lapsos demonstram a múltipla realização de um fonema na escrita. Embora a escrita siga uma ortografia e essas ocorrências sejam consideradas lapsos de escrita, é visível que ao representar na escrita a forma *caza* o aprendiz tenha realizado uma escolha de representação de um fonema por ele já conhecido. É a escolha, determinada pela ortografia, que faz com que a ocorrência escrita tenha sua forma definida pelo aprendiz. Cagliari (1992a, p.14) *apud* Detomi (1998, p. 85) afirma que “quando escrevem, as crianças passam a analisar a própria fala para descobrir a forma gráfica das palavras.”

Cristófar e Greco (2010, p.88) ressaltam que os aprendizes do código alfabético na fase inicial de aprendizado da escrita pautam-se em informações da oralidade para registrarem o código escrito. Trazem os seguintes exemplos: *minino* para *menino*; *sauto* para *salto*; *opição* para *opção*. Afirmam

Há registros na literatura que durante a aquisição da linguagem escrita os aprendizes grafam inadequadamente palavras que apresentam o alçamento devido à

interferência da oralidade na escrita (Alvarenga et al., 1989). Assim, formas como *menino* e *bonito* podem ser grafadas como *minino* e *bunito* devido a interferência da fala na escrita. (CRISTÓFARO & GRECCO, 2010, p. 89).

As pesquisadoras, ao retomarem os dados de Grecco (2009), afirmam que não somente a oralidade influi na escrita, mas há também um processo de retroalimentação, quando a escrita influi na fala. A pesquisa foi feita com 60 crianças de Belo Horizonte, entre 1ª e 5ª série. Os testes foram aplicados nas escolas em período de aulas. Foram elencadas 12 palavras, 6 com vogal anterior *e* e 6 com vogal posterior *o*. Analisou-se o comportamento do açamento vocálico de adultos para verificar se as crianças apresentariam o padrão de açamento observado na comunidade de fala.

Na 1ª série, constatou-se um número de açamentos bastante elevado na oralidade (70%) e também na escrita (43%). Já nas 3ª e 5ª séries, há baixa incidência de açamento na escrita (8% e 7% respectivamente), mas na oralidade o índice é bastante superior ao da escrita, mesmo sendo inferior a 50%. Vemos que conforme a escolaridade e, conseqüentemente, a apropriação da ortografia, aumenta, a influência da oralidade na escrita diminui.

Em nossos dados, coletados em 275 exemplares de jornais produzidos no Rio Grande do Sul no século XIX, constatamos um total de 154 registros escritos com relevância fonética baseados em fenômenos fonológicos atestados em nosso estado de língua atual. Nesses registros, identificamos 67 formas escritas que expressam elevação vocálica (destas, 37 formas expressando possível harmonia vocálica), 17 que expressam substituição segmental, 18 palavras com omissão de segmentos, 20 casos de epêntese, 5 palavras que expressam metátese, 21 casos de proclíticos e 6 casos de segmentação.

Embora o número de ocorrências seja baixo se considerarmos a quantidade de exemplares dos jornais analisados, é importante ressaltar que mantivemos um filtro ativo para esta coleta, seguindo os critérios propostos por Lass (2000) ao separarmos os dados com valor significativo. As formas escritas encontradas assumem um valor fonológico significativo ao expressarem formas já atestadas na fala atual. Labov (1994) defende comparações qualitativas para estudos com base em fontes históricas, já que uma comparação quantitativa nem sempre é possível devido à difícil relação entre as frequências anteriores e atuais.

Ao realizarmos nosso estudo de identificação de variáveis em um passado de língua, nos baseamos em fenômenos já atestados no presente. Desta forma, podemos contribuir para estudos

posteriores a fim de atestar variação, mudança ou regularidade da língua portuguesa brasileira acerca dos fenômenos propostos em nossa classificação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo contribuir para a história do português através da identificação de variáveis fonológicas em jornais gaúchos publicados no século XIX. Realizamos um estudo histórico a fim de provermos dados diacrônicos acerca de fenômenos fonológicos atestados em nosso estado atual de língua. Trouxemos ocorrências escritas com *valor fonológico significativo*, classificando-as de acordo com os fenômenos de elevação e harmonia vocálicas, substituição e omissão segmentais, epêntese, metátese, proclíticos e segmentação. Separamos essas ocorrências do *lixo ortográfico* e da *variação ortográfica*, desconsiderando esses dados para atingirmos nosso objetivo.

Ao percorrermos e expormos as idéias acerca da linguística histórica e do pensamento linguístico, vimos que a linguística histórica se desenvolveu no estruturalismo como linguística diacrônica, estudiosos como Saussure e seus sucessores tomavam a mudança linguística como inerente ao sistema. Ao expormos a evolução do pensamento linguístico na história da ciência linguística, vimos que o registro escrito já era utilizado pelos comparatistas do século XVIII, preocupados em verificar o parentesco entre as línguas. Esses pensadores buscavam as línguas-mãe de um conjunto de línguas através da comparação entre formas lingüísticas semelhantes, o que resultou no agrupamento das línguas em famílias e na elaboração de leis fonéticas (como as de Grimm) para explicar a mudança de línguas vivas. Posteriormente, Ferdinand de Saussure definiu como objeto da Lingüística a *langue*, entendida como um sistema abstrato de regras no qual os elementos estão em oposição funcional. A *langue* era oposta à *parole*, concebida como uso individual do sistema, que só poderia ser descrito sincronicamente. Entre seus sucessores, o Círculo Linguístico de Praga, com Trubetzkoy e Jakobson, propõe que o sistema também poderia ser descrito diacronicamente. E para Martinet, a mudança ocorre devido a uma busca de equilíbrio do sistema. Posteriormente com o advento do gerativismo de Chomsky, ainda assim a mudança é encarada como interna ao sistema, já que a língua é idealizada com sua homogeneidade e utilizada por um falante-ouvinte ideal. Fatores extralingüísticos condicionadores da mudança, que sempre decorre de variação, foram trazidos na década de 60 por Weinreich, Labov e Herzog. Labov nos trouxe, da geologia, o *uniformitarismo*, que nos permite afirmar o passado com base no estado presente de língua.

Ao relatarmos alguns dos estudos acerca da história da língua portuguesa no Brasil, vimos que a linguística histórica, ao fazer uso da filologia, toma o registro escrito como base para a realização de seus estudos.

Creemos que, através da escrita podemos atestar variáveis linguísticas presentes na fala, já que aquela sugere processos fonológicos. Embora a utilização da escrita para estudos de mudança deva ser concebida “como um melhor uso de dado ruim”, ao seguirmos o princípio uniformitarista, acreditamos que os processos que modificaram fala no estado de língua passado sejam os mesmos que a movem no presente. Para isso, recorreremos aos jornais gaúchos publicados no século XIX. Realizamos nossa coleta de dados diferenciando a variação puramente gráfica de empregos fonológicos significativos. Recorreremos a gramáticas da época para a consulta de registro de formas de escritas que fossem prescritas pela norma. Através desse exame, constatamos formas de escrita que não poderiam ser consideradas reflexo da fala, mas somente variação gráfica. Identificamos dados com valor fonológico significativo baseados na taxonomia de Lass (2000) e classificamos as formas escritas trazendo sua localização exata em cada exemplar analisado. Acreditamos que dessa forma pudemos atestar variáveis hoje existentes em um estado de língua longínquo no tempo, defendendo nossa idéia inicial.

Referências:

ALTMAN, Cristina. *Retrospectivas e perspectivas da historiografia da lingüística no Brasil*. Revista argentina de historiografía lingüística, I, 2, 115-136, 2009

AULETE, Caldas. *Grammatica Nacional*. 1ª edição, Typographia da Sociedade Typographica Franco-Portugueza, 1864.

BATTISTI, Elisa. *A prosodização de clíticos no Português Brasileiro em documentos dos séculos XVIII e XIX*. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. *Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas*. v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. Cambridge University Press, 1977.

BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2005.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. George Allen and Unwin LTD. Londres, 1973

BORBA, Francisco da Silva. *Esboço de Fonologia Diacrônica*. In: *Alfa*, n. 18 – 19. 1972 /1973.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

CÂMARA Jr. Mattoso. *História da lingüística*. Petrópolis/RJ. Vozes, 1975

_____. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis/RJ. Vozes, 1997.

CHAPMAN, S. & ROUTLEDGE, P. *Key Thinkers in Linguistics and the Philosophy of Language*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis/RJ. Vozes, 1971

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ USP. 1979

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000

CRISTÓFARO, Thaís.; GRECCO, Amana. *Representações fonológicas: contribuições da oralidade e da escrita*. In *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.45, n.1, p.87 -93, jan./mar. 2010.

CUNHA, Ana Paula.; MIRANDA, Ana Ruth. *O troque silábico na segmentação escrita e sua relação com o ritmo do português brasileiro*. XVII CIC/ X ENPOS, 2008.

DA HORA, D.; TELLES, S. & MONARETTO, V.N. *Português brasileiro: uma língua de metátese?* In: *Letras de Hoje*. v.42, n. 2, 2007.

DA HORA, Demerval, BATTISTI, Elisa. *Introdução*. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. *Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas*. v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

DA HORA, D.; TELLES, S. *A metátese no Português Brasileiro: descrição e análise*. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. *Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas*. v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

DETOMI, Ana Lúcia Martins. *Ortografia: a complexidade de um processo*. Dissertação de mestrado. UFMG, 1998.

ERBOLATO, Mário. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. Vozes, Petrópolis, 1985.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo, Ática, 2005

FONTE, Juliana Simões. *O Sistema Vocálico do Português Arcaico Visto a Partir das Cantigas de Santa Maria*. Dissertação de Mestrado. UNESP, Araraquara, 2010.

GEHLEN, Juliana. *Guia Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho*. 2. ed. Porto Alegre, AHPAMV, 2009.

GELB, I.J. *A Study of Writing*. The University of Chicago Press, 2.ed., 1963.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo, Ática, 2. ed., 2008.

JOSEPH & JANDA. *The Handbook of Historical Linguistics*. UK, Blackwell, 2003.

LABOV, William. *On the mechanism of linguistic change*. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York, Hold, Rineheart and Winstion, 1972.

_____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pensylvania Press, 1975;

_____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. v. 1. Cambridge, Blackwell, 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change: social factors*. v. 2. Cambridge, Blackwell, 2001.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008.

LASS. Roger. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge, 2000.

LYONS, John. *Linguagem e Lingüística*. LTC. 2009

MAGALHÃES, José Suely de. *O subsistema vocálico pretônico do português brasileiro: fotografia histórica*. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. *Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas*. v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

MALMLKJAER, Kirsten. *The Linguistics Encyclopedia*. Routledge, Nova Iorque, 2002.

MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. Contexto, São Paulo, 2008.

MARTINET, André. *Elementos de Linguística Geral*. 5. ed Traduzido por Jorge Morais Barbosa,. Livraria Sá Costa, Lisboa, 1973.

_____. *A Linguística Sincrônica*. Biblioteca Tempo Universitário/83. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1971.

MASSINI-CAGLIARI, Gládis. *Acento em Português Brasileiro: percurso dinâmico*. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. *Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas* . v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Apresentação: problemas preliminares*. Anais do I Encontro da ANPOLL. v.2, t. II, João Pessoa, 1995.

_____. *Como se estruturou a língua? Perspectiva histórica da fonologia e da morfologia da língua portuguesa*. Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, SD.

_____. *Caminhos da Linguística Histórica – ouvir o inaudível*. Parábola., São Paulo, 2010.

MAURER JR, Theodoro Henrique. *Linguística Histórica*. In: *Alfa*, n. 11. março/1967.

MEGALE, Heitor & CAMBRAIA, César Nardelli. *Filologia Portuguesa no Brasil*. In: D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999.

MCCARTHUR, Tom. *The Oxford Companion to the English Language*. Oxford University Press. New York, 1992.

MIGLIETTA, Sandra. *Why do we need distinctive features?* Università di Firenze, 2010.

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. *O estudo da mudança do som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica*. In: *Letras de Hoje*, v.40, n. 3, 2005.

_____. *Sequências de obstruintes no interior de palavras: percurso histórico*. In DA HORA, D. e SILVA, Camilo Rosa da. *Para a História do Português Brasileiro – abordagens e perspectivas*. v.8, Editora UFPB. João Pessoa, 2010.

NARO, Anthony Julius. *Estudos Diacrônicos*. Vozes. Petrópolis, 1973.

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova Grammatica Portugueza*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 1862.

OLIVEIRA, Klebson. *Negros e escrita no Brasil do século XIX – sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. Tese de doutorado. UFBA, 2005.

ROBERTS, Ian & KATO, Mary A. *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Unicamp, Campinas, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 11ed., São Paulo, Cultrix, 2006.

SAPIR, Edward. *The Status of Linguistics as a Science*. In *Language*. v.5, n.4, 1929
_____. *Language – an introduction to the study of speech*. New York, 1921

SCHENDL, Herbert. *Historical Linguistics*. Oxford University Press, 2009.

SCHNEIDER, Edgar W. 2002. "Investigating variation and change in written documents." In J.K. Chambers, Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes, eds. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford, Malden, MA: Blackwell 2002, 67-96.

SILVA, Francisco. *Contribuições Linguísticas: dos estudos saussureanos aos estudos modernos*. Travessias, Ed. 03. Unioeste, SD.

SODRÉ, Néilson. *História da Imprensa no Brasil*. Martins Fontes, São Paulo, 1983.

SOMERSET, Fiona. & WATSON, Nicholas. *The Vulgar Tongue – medieval and postmedieval vernacularity*. Pennsylvania State University Press, 2003

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolingüística*. Série Princípios. São Paulo, Ática, 2007.

_____. *Tempos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1990.

_____. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de doutorado. University of Pensilvannya, 1983.

TASCA, Maria. *Interferência da língua falada na escrita de séries iniciais – o papel de fatores lingüísticos e sociais*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

WEINREICH, U; LABOV, W, HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma mudança lingüística*. São Paulo, Parábola, 2006.